

VITÓRIA DOS GREVISTAS DE SÃO PAULO

Em Julgamento, Realizado na 5a. Feira, o TRT Resolveu Conceder 25% de Aumento Sem Teto

Dezenas de milhares de grevistas se concentraram diante do Tribunal, aguardando o julgamento. A decisão do

Tribunal, resolvendo por 25% de aumento, sem teto, representa uma vitória parcial, mas significativa, uma vez que

os patrões se mantinham intransigentes nos 15% com teto. Após o julgamento, os grevistas se dirigiram em massa às sedes dos seus Sindicatos, a fim de tomar deliberações.

VOZ OPERÁRIA

(Na página central, ampla reportagem sobre o maior movimento grevista do proletariado brasileiro)

N.º 438 ☆ RIO DE JANEIRO, 26 DE OUTUBRO DE 1957

neste
 número



- INDEPENDÊNCIA DE CLASSE E PATRIOTISMO DO PROLETARIADO — EDITORIAL (3.º PAG.)
- MEDIDAS CONCRETAS PARA COMERCIALIZAR COM OS PAÍSES SOCIALISTAS — COMENTÁRIO POLÍTICO (3.º PAG.)
- PORTUGAL EM VÉSPERAS DE ELEIÇÕES — ANÁLISE DA SITUAÇÃO POR UM MEMBRO DO CC DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (9.ª PÁGINA)
- A INDUSTRIALIZAÇÃO SOCIALISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA — L. VOLODARSKI (4.ª PAG.)
- A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO, DERROTA DO REVISIONISMO E DO DOGMATISMO — CARLOS DANIELI (4.ª PÁGINA)
- POETA DA FRANÇA — ARTIGO DE ILYA EREMBURG SOBRE LOUIS ARAGON (9.ª PÁGINA)

ENSINANDO ASTRONÁUTICA AO AR LIVRE

Grande é o interesse e o entusiasmo do povo soviético em consequência do lançamento do primeiro satélite artificial da terra. A foto mostra R. I. Tsvetov, do Planetário de Moscou, explicando a visitantes, numa aula ao ar livre, os movimentos do satélite.



Um dos piquetes em ação, em frente à Fábrica Arno, no momento em que falava uma líder operária têxtil. No medalhão, vemos componentes de um piquete feminino de grevistas, cuja atuação eficiente foi mais uma experiência recolhida pela classe operária na grandiosa greve de São Paulo.

PELA CESSAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS COM ARMAS ATÔMICAS! — A ONU NA ENCRUZILHADA DA PAZ E DA GUERRA (Na 5.ª pág.)

Na Era dos Vôos Interplanetários

A. STERNFELD (NA 12.ª PAGINA)

Mensagem do Comitê Central do PCUS Aos Partidos Socialistas da Europa

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética enviou a 15 do corrente mensagens a diversos partidos socialistas da Europa, alertando-os sobre os perigos decorrentes da situação no Oriente Médio, e propondo-lhes ação comum para a salvaguarda da paz.

Transcrevemos a seguir um resumo do documento enviado ao Partido Socialista Francês, segundo o texto divulgado pelo Bureau de Informações Soviético (BIS):

«O pequeno Estado sírio, pacífico e independente, corre o grave perigo de ser atacado. Nas fronteiras da Síria concentram-se tropas estrangeiras; na costa oriental do Mediterrâneo, não longe da costa síria, encontram-se os navios da Sexta Esquadra dos Estados Unidos. Personalidades oficiais e chefes militares dos Estados Unidos fazem contra a Síria declarações belicistas cheias de provocadoras calúnias e de ameaças. Alguns estadistas turcos fazem declarações análogas, acariciando a idéia de restabelecer o domínio da Turquia sobre os povos árabes. Tenta-se desencadear uma guerra fria entre os árabes. Em consequência de tudo isso, surgiu no Oriente Médio uma situação insegura, perigosa, uma ameaça de agressão que pode ter as mais graves consequências para a situação internacional».

«A causa desse perigoso aguçamento da situação deve ser buscada antes de tudo nos apetites dos grandes monopólios petrolíferos, em suas ânsias para assegurar um domínio ilimitado no Oriente Próximo e Médio. Uma vez que hajam terminado com a Síria, os imperialistas organizadores de complots pensam estendê-los ao Egito independente, e mais tarde aos demais países árabes tanto re-

publicanos com monárquicos. Não querem ver que o respeito aos legítimos direitos dos povos e aos princípios da Carta da ONU nas relações com os países do Oriente Próximo e Médio é em nossos dias a política única e segura que pode garantir os interesses econômicos e políticos dos países da Europa Ocidental e abastecê-los de petróleo, matérias-primas e produtos alimentícios. O melhor meio de garantir os interesses dos países da Europa Ocidental nessa região consiste em procurar relações econômicas baseadas não na violência e no saque, mas em vínculos comerciais normais que seriam mutuamente proveitosos».

«A fim de mascarar a agressão que preparam contra a Síria, os dirigentes dos Estados Unidos e de outros países ocidentais recorrem à vergonhosa propaganda do chamado «perigo comunista», velha artimanha da reação que já não mais engana».

«A sorte da pequena Síria afeta a todos os povos pacíficos. O conflito armado que se trava contra a Síria encerra o perigo de converter-se em um grande incêndio. Converteu-se em um perigo real para os demais países do bloco do Atlântico Norte (OTAN) serem arrastados a esse conflito, apesar da vontade e do desejo de seus povos. Não querer compreender que a Síria não estará sózinha em sua luta contra a agressão constitui verdadeira aventura. O governo do Egito já fez declarações de apoio ilimitado à Síria. Ao lado desta nação estarão os povos pacíficos de outros países, e em particular o da URSS, que não poderá permanecer indiferente ante provocações belicas que ocorrem em suas fronteiras meridionais. A União Soviética está interessada somente em assegurar

a paz no Oriente Próximo e Médio, e em que os povos árabes possam marchar para a frente em sua vida sem intromissões nem ameaças externas».

«O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética declara que é necessário unir os esforços de todos os que amam a paz para impedir que se perturbe o Oriente Próximo e Médio. O Comitê Central exorta o Comitê Executivo do Partido Socialista Francês a fazer todo o necessário para impedir a agressão e manter a paz nessa zona. Os esforços conjuntos dos dois Partidos poderiam revestir-se de uma grande importância nesse sentido. Para lograr esse fim poderia ter elevada significação uma declaração da França, Inglaterra, URSS e Estados Unidos condenando o emprego da força como meio de resolver os problemas em litígio no Oriente Próximo e Médio, e também uma declaração de renúncia a qualquer ingerência nos assuntos internos dos países dessa região, e de cessação do envio de armamento a todos esses Estados».

Na carta ao Comitê Executivo do Partido Trabalhista Britânico, vasada em termos semelhantes, o Partido Comunista da União Soviética chama a atenção para a grande responsabilidade da Inglaterra e do povo inglês na manutenção da paz no Oriente Próximo e Médio, afirmando: «O povo inglês, amigo da liberdade do mesmo modo que o povo soviético, está vitalmente interessado na manutenção e no robustecimento da paz no Oriente Próximo e no mundo inteiro».

Mensagens com o mesmo objetivo foram enviadas aos órgãos dirigentes dos Partidos Socialistas da Itália, da República Federal Alemã, Dinamarca, Bélgica e Holanda

AMIZADE SOVIÉTICO-IUGOSLAVA



O 1º Secretário do PCUS, Nikita Khrushchiov, ao receber a delegação da União de Combatentes da Guerra Nacional de Libertação, da República Federal da Iugoslávia

Notícias dos Partidos Comunistas

ÍNDIA

Acaba de reunir-se na cidade de Nova Delhi o Comitê Central do Partido Comunista da Índia. A principal questão debatida nessa sessão referia-se à organização do Partido. Tratava-se, como declarou a direção do PCI, de fazer modificações de longo alcance, na organização interna e nos Estatutos, de acordo com a experiência adquirida nas recentes eleições gerais e no período subsequente.

Discutiu também o Comitê Central a crise que enfrenta a Índia para a execução do segundo Plano Quinquenal, particularmente no que diz respeito às atividades do Ministério das Finanças da Índia, nos Estados Unidos.

Essa sessão foi considerada a mais importante já realizada pelo Comitê Central, desde

o Congresso do PCI, em abril do ano passado.

Uma conferência nacional será convocada pelo Comitê Central a fim de discutir as dificuldades atuais para a execução do Plano Quinquenal. Segundo a opinião dos comunistas, aquelas dificuldades decorrem da política interna geral do atual governo indiano.

Dentre as resoluções aprovadas na última sessão do C.C. do PC da Índia, destacam-se as que tratam de modificações dos Estatutos do Partido, com o objetivo de ampliar a democracia interna, e reforçar a disciplina dos comitês provinciais. Foi resolvido também convocar um Congresso Extraordinário do Partido, para janeiro do próximo ano.

TCHECOSLOVÁQUIA

Numa reunião plenária do Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia, realizada nos primeiros dias do mês corrente, apresentou o seu 1º secretário, A. Novotny, dados expressivos sobre os êxitos alcançados na agricultura. Entre 1º de janeiro e 15 de setembro deste ano, foram estabelecidas 2.564 novas cooperativas agrícolas unificadas. Atualmente a Tchecoslováquia possui 10.736 cooperativas agrícolas o que determina que 60% de toda a terra arável esteja no setor socialista.

Referiu-se também Novotny à elevação dos níveis de vida do povo. afirmou que a última rebaixa de preços trouxe benefícios ao povo num montante de cerca de 1.800 milhões de coroas. No ano passado os salários de uma parte da massa trabalhadora haviam-se elevado em 720 milhões de coroas.

JAPÃO

De 2 a 6 de fevereiro do ano próximo deverá reunir-se o 7º Congresso Nacional do Partido Comunista do Japão, segundo decisão adotada pela 13ª sessão plenária do Comitê Central do Partido, realizada no mês de setembro último.

Figura na ordem-dia do Congresso um informe sobre o projeto de revisão dos Estatutos do Partido, outro sobre o programa do Partido e um camarada Keiji Kawada.

Prevê uma das modificações aprovadas a eleição de um Conselho Nacional de 100 membros, à base do número de membros em cada Estado, exceto 10 membros, que serão eleitos entre aqueles que pertencem a organizações nacionais.

O Comitê Executivo Central será eleito pelo Conselho Nacional, mas não numa base territorial. Esse organismo, por sua vez, elegerá um secretariado de 5 membros para a atividade diária do Partido.

Em abril de 1958 deverá realizar-se um Congresso pleno do Partido.

Tudo faz prever que por ocasião do Congresso, o número de membros do Partido tenha atingido a 200.000.

O objetivo da reunião do Comitê Central foi preparar uma discussão de âmbito nacional sobre o cumprimento da decisão da Conferência Nacional do Partido, de junho do ano passado, e as novas tarefas da construção do socialismo.

Informou ainda o 1º secretário do PC tcheco que o 11º Congresso do Partido, a reunir-se no primeiro semestre do próximo ano, deverá traçar a política do Partido para o período posterior. O nível de desenvolvimento da economia nacional exige melhor organização da sua direção; a centralização rígida deve ser suprimida e aumentados os poderes dos órgãos locais. Isso não significa, porém, qualquer afastamento dos princípios leninistas do centralismo democrático — concluiu ele

Crônica Internacional

Continúa Sem Solução a Crise Política Francesa

Continua acéfalo o governo francês, desde a queda do gabinete Bourges-Maunoury em 30 de setembro. Convidados sucessivamente pelo presidente Coty, os srs. Guy Mollet, Plevin, Pinay e Robert Schuman fracassaram em seus esforços para constituir ministério. Numa quinta tentativa, volta agora a ser convidado o sr. Guy Mollet, dirigente do Partido Socialista. No entanto, em lugar de orientar-se para uma aliança de esquerda, com sólida maioria no Parlamento, como propõem os comunistas, compreendendo o Partido Socialista, o Partido Comunista e outras forças políticas, inclusive certos setores dos radicais socialistas, pretende o sr. Guy Mollet insistir mais uma vez numa coalizão com os demócratas-cristãos de Robert Schuman (M.R.P.), com os "independentes" de Pinay e com outros grupos reacionários.

A tentativa de Guy Mollet estará assim condenada, mais cedo ou mais tarde, a completo fracasso. Não é mais possível, nas condições atuais do mundo e da França, constituir um governo que mantenha a política colonialista na Argélia. Nas próprias bases do Partido Socialista, apesar de inegável penetração da campanha chovinista organizada pelos imperialistas franceses, lavra um descontentamento crescente com a orientação da direção do Partido, que o coloca na posição de simples força auxiliar e instrumento das classes dominantes.

Enquanto isso, a situação econômica e financeira do país, esgotado pelas astronômicas despesas com a guerra na Argélia, é catastrófica. A desvalorização do franco em relação ao dólar, decretada em agosto passado, já perdeu qualquer sentido, voltando a imperar o câmbio negro. O custo da vida sobe continuamente, ocasionando uma onda de lutas reivindicatórias. Dois milhões de metalúrgicos realizaram recentemente vigorosas manifestações. A burguesia francesa tenta descarregar as consequências dessa crise sobre a classe operária e as massas trabalhadoras em geral. Para esse fim o sr. Robert Schuman,

democrata-cristão, elaborou, a pedido do presidente Coty, um "plano de emergência", baseado principalmente no aumento de impostos, já aceito em princípio por Guy Mollet. E já se fala em reforma constitucional, incluindo várias medidas reacionárias e maiores facilidades para a dissolução da Assembléia.

A crise francesa só poderá resolver-se com a constituição de um governo que ponha fim imediatamente à guerra da Argélia, fazendo voltar à França os seiscentos mil homens do exército colonialista e iniciando, numa base de igualdade, as negociações pacíficas que os dirigentes do movimento argelino de libertação nacional reafirmaram, há poucas semanas, que estão prontos a entabular. A constituição de um governo desse tipo marcaria uma mudança radical em toda a política interna e externa da França, com imensas repercussões em toda a Europa e no mundo.

O Conselho Francês da Paz realizou há dias uma Conferência Nacional, com representantes de 40 departamentos, na qual foi aprovado um apelo por negociações imediatas entre a França e a Argélia. Essas negociações devem basear-se no direito do povo argelino à completa independência, e no estabelecimento de relações entre a França e a Argélia livre, cimentadas no respeito mútuo e na amizade entre os dois povos. A guerra da Argélia, que já vai completar três anos, além de ser um sorvedouro de vidas humanas, está causando as presentes dificuldades econômicas da França, e levando à supressão das liberdades e de quaisquer garantias tanto na Argélia como no próprio território metropolitano.

Os povos de todos os países acompanham com vivo interesse o desenrolar da crise política francesa. A solução dessa crise com a constituição de um governo que pusesse fim à guerra da Argélia e adotasse outras medidas de caráter progressista, representaria no momento atual uma contribuição poderosa para a causa da paz mundial e para o alívio da tensão internacional.

Independência de Classe e Patriotismo do Proletariado

A grandiosa greve dos operários paulistas põe à prova a imensa força do proletariado brasileiro, a sua combatividade na defesa de interesses, que lhe são próprios, e o patriotismo de sua posição, quando se trata de interesses gerais do país.

Por mais que se esforcem as especulações tendenciosas, a causa e a legitimidade da greve aparecem cada vez mais claras. O proletariado paulista se empenhou em movimento de tipo excepcional convergência exclusivamente para salvaguardar o seu nível de vida dos efeitos devastadores da inflação, para impedir que se agrave a exploração do seu trabalho. Esta foi a causa que moveu à luta cerca de meio milhão de trabalhadores, marcando o movimento com uma inofismável legitimidade.

É certo que não faltaram tentativas escusas de certas forças políticas para tirar proveito da greve, procurando arrastá-la para fora dos seus próprios trilhos. Ao mesmo tempo, provocadores e desordeiros se esforçaram para isolar os grevistas, incompatibilizando-os com outros setores da própria classe operária e da população, em particular com o Exército, a fim de levar a greve à derrota e abalar a unidade em formação no movimento nacionalista.

Os grevistas souberam desfazer as manobras suspeitas e cortar o caminho aos provocadores. Mantiveram-se numa estrita legalidade, que frustrou a violência policial a certa altura desencadeada pelo governador Jânio Quadros. A causa dos grevistas se tornou simpática às outras camadas da população, que também sofrem o peso da carestia da vida, e isto se refletiu nos atos de solidariedade dos estudantes, de organizações populares, de líderes políticos, da Assembleia Legislativa e de diversas câmaras municipais.

A força do proletariado e a justiça de sua luta ficaram demonstradas nesta sua capacidade de fazer aliados.

Meio milhão de operários paulistas entram em greve por aumento de salários, levantando ao mesmo tempo a bandeira da luta contra a carestia da vida, que é capaz de atrair e agrupar vastíssimos setores da população. Os grevistas demonstraram também nos industriais que a sua intransigência é inútil quando se trata de um proletariado tão numeroso concentrado e experiente como o proletariado paulista. As inegáveis dificuldades da situação econômica não podem ser lançadas exclusivamente sobre os ombros dos trabalhadores. Mas estes, ao tempo em que lutam em defesa do seu nível de vida, por si mesmo já tão baixo, não deixam de apoiar aquelas justas reivindicações da nossa indústria, que

coincidem com os interesses nacionais. Tal é o caso da exigência de revogação das Instruções 113 e 135 da SUMOC, a primeira discriminando contra o capital nacional em favor do capital estrangeiro, a segunda estabelecendo uma contenção do crédito, que afeta sobretudo as empresas de menores recursos e beneficia as grandes empresas imperialistas.

Assim, pois, ao combater por seus interesses específicos de classe, entrando em conflito com a burguesia, o proletariado manteve a sua posição unitária e patriótica, de tal maneira que, ao contrário do que esperavam os provocadores a serviço do entreguismo, a grandiosa greve do proletariado paulista não quebrará a frente única nacionalista. Ao contrário, contribuirá para fortalecê-la, uma vez que dela sairá revigorado o seu destacamento mais consequente — a classe operária.

A greve de meio milhão de operários paulistas veio provar, sem margem para controvérsias, a falência da pretendida política antinflacionária do governo do Sr. Juscelino Kubitschek. Esta política visava, por um lado, congelar os salários e, por outro, conter o crédito para a indústria e o comércio. Chocou-se, por isto, ao mesmo tempo, com os interesses da classe operária e da burguesia nacional, sem, de modo algum, deter a inflação, que a partir de agosto, ganhou maior aceleração. Simultaneamente, o governo tem feito enormes concessões aos fazendeiros de café — o que também contribui para a inflação — e prossegue numa política humilhante de buscar favores do imperialismo norte-americano.

O governo do Sr. Juscelino Kubitschek tem encontrado o firme apoio do povo brasileiro toda vez que se trata de defender o monopólio estatal do petróleo ou de salvaguardar a legalidade democrática. O mesmo apoio encontrará o governo na medida em que se desfaça dos seus elementos entreguistas e modifique o rumo da política econômico-financeira e da política exterior num sentido nacionalista, progressista, em função da emancipação econômica do país e dos interesses das massas populares. Que é necessário mudar de rumo, e que a direção da mudança é aquela que apontam a classe operária e o movimento nacionalista — aí está a greve de São Paulo para confirmar com vigorosa ênfase.

A situação criada no país exige uma sólida unidade de todas as forças patrióticas, incluindo o setor nacionalista do próprio governo. Esta unidade, posta em ação, tem condições favoráveis para alcançar as modificações políticas reclamadas pelo interesse nacional.

Comentário Político

MEDIDAS CONCRETAS PARA COMERCIALIZAR COM O MUNDO SOCIALISTA

A QUESTÃO do estabelecimento de relações comerciais com a União Soviética e outros países socialistas voltou a ser ventilada pela imprensa, suscitando inclusive alguns pronunciamentos oficiais. O fato se explica, porque realmente a pressão para o estabelecimento dessas relações aumentou nos últimos tempos.

O lançamento do primeiro satélite artificial agitou o plenário da Câmara Federal, onde vários deputados frisaram com veemência o absurdo da nossa falta de contacto com os países do mundo socialista, chegando a se esboçar um movimento para exigir explicações do governo. Ao mesmo tempo, as câmaras Municipais de São Paulo e do Distrito Federal votaram moções de congratulações com os cientistas soviéticos.

O satélite artificial soviético subiu aos céus num momento em que se afunda o nosso comércio exterior. Recrudesciu, por isto, a opressão de círculos econômicos dos mais responsáveis para que se dêem afinal passos concretos no sentido da ampliação dos nossos mercados externos. O sr.

Charles Edgard Moritz, que ora exerce interinamente a presidência da Confederação Nacional do Comércio, fez declarações taxativas, afirmando: "Sou pela mais ampla liberdade de comércio internacional e entendo que este pode perfeitamente ser exercido independentemente de qualquer atividade de caráter doutrinário, filosófico ou político. Comércio é comércio.

Não vejo inconveniente algum em que o Brasil estabeleça relações comerciais com os países da Europa Oriental. Precisamos urgentemente negociar com todo o mundo. E' do nosso interesse e não há como negá-lo. Já o fazemos indiretamente por intermédio de outros países. Porque não fazê-lo diretamente?"

Estes argumentos são irrefutáveis. E eles se destacam ainda mais, quando se leva em conta a atitude de outros países do mundo capitalista. Os jornais anunciaram que a Itália e a URSS estudam a revisão do seu tratado comercial, que já tem 9 anos de vi-

gência. O objetivo das conversações é elevar o intercâmbio mútuo da base atual de 920 milhões de dólares anuais para um bilhão e 650 milhões de dólares anuais. Há, além disto, o propósito de colocar o intercâmbio numa base quinquenal, ao invés de anual.

Outra notícia vem de Teerã, anunciando que o Conselho de ministros iranianos aprovou um decreto, beneficiando a URSS com a cláusula de «nação mais favorecida» e que possibilitará um sensível aumento no volume das trocas soviético-iranianas.

Sabe-se também que percorrem agora a República Popular da China delegações da Inglaterra, da França e da Alemanha Ocidental, tratando do incremento do intercâmbio comercial com aquele grande país socialista.

Quando, portanto, alguns dos principais países capitalistas, dão passos concretos para aumentar o seu comércio com o mundo socialista, o nosso país, nesse terreno, não se move um milímetro para diante. A única coisa de efetivo que existe é o comércio ainda pouco desenvolvido com a Polónia, a Tchecoslováquia e a Hungria. Em 1956, exportamos para esses três países mercadorias no valor de 39 milhões de dólares e deles importamos cerca de 45 milhões de dólares.

Quanto ao comércio com a URSS, a República Popular da China e outros países socialistas, o ministro Edmundo Barbosa da Silva, chefe do Departamento Econômico e Consular do Itamarati, declarou que estão sendo ultimados os estudos e que conversações seriam iniciadas logo fossem concluídos os retoques na nova Lei de Tarifas, e em sua regulamentação. Ao mesmo tempo, aludiu às dificuldades, sobretudo no que se refere ao problema de pagamentos.

O sr. Barbosa da Silva

desde há certo tempo vem adotando a mesma manobra despietadora, toda vez que a questão esquentar: declara-se favorável ao intercâmbio com os países socialistas e anuncia que os estudos para isto se desenvolvem, apesar de tais ou quais dificuldades. Depois, como se constata, fica tudo na mesma.

Já está mais do que em tempo do governo do Sr. Juscelino Kubitschek impôr um rumo diferente ao ministério das Relações Exteriores de tal maneira que homens como o sr. Barbosa da Silva não encontrem possibilidades de fazer manobras despietadoras.

O problema dos pagamentos não constitui, no caso, senão mais uma pedra propositadamente colocada no caminho.

O «Jornal do Comércio», em comentário do dia 19 último, depois de se manifestar pela ampliação do nosso mercado exterior, alude à conveniência de que o Brasil não alargue a área dos convênios bilaterais, seguindo a linha de só tratar de relações comerciais em moedas transferíveis. Esta é a linha do Departamento Econômico do Itamarati e a sua aplicação de modo algum levará ao estabelecimento de relações comerciais com os países do mundo socialista.

E' óbvio que a URSS ou a China não podem comerciar em dólares ou em outra moeda conversível. Mas será que esta é a única maneira vantajosa de comerciar? Será que a troca direta de nossos produtos — café, cacau, minérios, etc. — pelos equipamentos e matérias primas da URSS deixará de trazer benefícios para o Brasil, quando esse tipo de intercâmbio propicia grandes vantagens para a Argentina, a Índia, a Itália e dezenas de outros países?

O mais elementar bom senso mostra que, estabelecendo essa troca direta, fariamos, desde logo, uma grande economia de divisas conversíveis, o que já seria, por si só, importante vantagem.

E há, além disto, a vantagem maior, a vantagem substancial: novos e vastos mercados para a exportação brasileira e novas fontes de fornecimentos dos produtos estrangeiros, de que carecemos.

Não há, pois, obstáculos sérios, de ordem econômica, que impeçam as nossas relações comerciais com o florescente mundo socialista. O que há, isto sim, é um obstáculo político: a humilhante submissão de nossa política exterior ao Departamento de Estado norte-americano. E' este obstáculo de caráter exclusivamente político que é necessário e urgente eliminar.

Intoleráveis Violências Policiais Ante o Ascenso da Democracia

O Supremo Tribunal Federal, por decisão unânime, liqüidou com a ignominiosa tentativa do Ministério da Justiça de expulsar para Portugal o operário Domingos Marques, — que para o Brasil veio aos cinco anos de idade, casara com mulher brasileira e tem filhos brasileiros, — pelo crime de participar das lutas de nosso povo como digno representante de sua classe. A seguir, em brilhante e fundamentada decisão, o magistrado Dr. Geraldo Maldonado, da 5ª Vara Criminal, absolveu o bravo lutador de outro processo, considerando que nenhum crime praticara ao conduzir consigo uma carteira de identidade com nome alterado, pois assim agia sem preocupação de prejudicar pessoa alguma, mas exclusivamente para livrar-se de arbitrárias perseguições policiais. Afirmou a sentença em suas conclusões:

"A situação do acusado, na hipótese vertente, era tanto mais aflitiva quanto se considera que ele fora perseguido e preso, em várias outras ocasiões, quando não havia, em absoluto, justa causa para a coação daí resultante para si e também indiretamente, para sua família, e qual, várias

vêzes, — como agora — ficou privada da sua presença e do seu amparo".

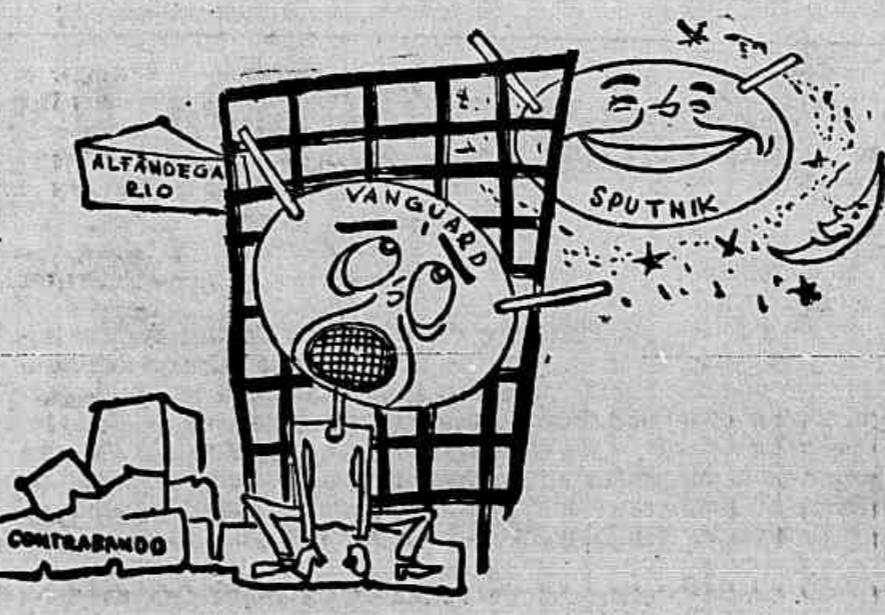
As duas decisões, do Supremo e do titular da 5ª Vara Criminal, refletem, sem dúvida, o desenvolvimento democrático que se processa no país, onde já não há clima para uma violência contra os direitos fundamentais do homem da extensão da que forjara o Sr. Nereu Ramos e a polícia política a ele subordinada. Entregar aos carrascos salazaristas um combatente antifascista integrado nas lutas de nosso povo, brasileiro e patriota por todos os títulos, como o operário Domingos Marques, constitui empreitada liberticida impossível de ser consumada nas atuais condições de ascenso das forças democráticas e progressistas em nosso país.

Cabe aos setores reacionários que participam do governo, e ao Sr. Kubitschek que a eles concede a preponderância em tão graves questões, recolher do episódio a lição que encerra: o caminho dos atentados às liberdades democráticas, asseguradas pela Constituição, levará o governo a uma contradição básica com o conjunto das poderosas forças democráticas em ascensão. As invasões de lares, as prisões

arbitrárias de líderes sindicais e dirigentes operários em plena Capital da República nos últimos dias, são outros tantos crimes da polícia política, que conduzirão o governo, se repetidos, ao isolamento e à impopularidade, num momento em que se agravam os problemas fundamentais do país e o movimento democrático em ascensão exige uma mudança da orientação governamental nos setores do aparelho econômico e financeiro do Estado e no campo da política exterior, em que predominam os elementos mais reacionários e entreguistas do governo.

Com tal isolamento e impopularidade não poderão concordar os elementos nacionalistas e democráticos que ponderam em outros setores governamentais. Nas atuais condições do país o governo cometerá um suicídio político se persistir em tais atentados: a resposta ao potente movimento reivindicatório da classe operária brasileira não pode ser a violência da polícia política, mas terá de consistir na urgente adoção de um conjunto de medidas que impliquem em nova orientação governamental nos setores da economia, das finanças e da política exterior.

DOS JORNAIS — Dias depois do lançamento, com pleno êxito, do «Sputnik» ao espaço, a Alfândega do Rio de Janeiro apreendeu o «Vanguard» norte-americano, jogando-o num depósito, em virtude de formalidades legais não preenchidas.



Leia
DA TEORIA MARXISTA DO CONHECIMENTO
De M. Rosental

A Industrialização Socialista da União Soviética (I)

L. VOLODARSKI

QUANDO há quarenta anos triunfou na Rússia a revolução socialista, nosso povo não tinha diante de si nenhum exemplo de construção da vida nova, da vida sem latifundiários nem capitalistas. Mas estava armado com o programa leninista de reestruturação socialista do país, concebido na base de uma profunda compreensão científica das leis do desenvolvimento social. A idéia da industrialização socialista era a medula desse programa.

Temos visto a propaganda reacionária passar por natável evolução no modo de focalizar o problema da industrialização socialista. No primeiro período que se seguiu à consolidação do Poder soviético e ao princípio do primeiro Plano Quinquenal, apresentava o programa de industrialização como o «mito econômico dos bolcheviques». Mas passou a entoar outra cantilena quando viu que o programa se fazia realidade: ao invés de «mito» passou a dizer «milagre».

O artigo do conhecido jornalista norte-americano Joseph Alsop em número recente da revista «The Saturday Evening Post», por exemplo, é típico da atual posição da propaganda reacionária. Alsop é forçado a reconhecer a força transformadora da industrialização socialista, que — são suas palavras — «não somente mudou o aparelho produtivo da nação como também tudo o mais, desde a estrutura de classe até a vida política quotidiana do povo, até mesmo a paisagem».

Ainda mais, as próprias dificuldades que se erguem ante o povo soviético, na opinião de Alsop, são «conseqüências da rápida transformação da União Soviética, de um país primitivo no sentido industrial, predominantemente camponês, num dos gigantes industriais do mundo modernos».

Entretanto, se reconhece o que não pode deixar de reconhecer, Alsop faz finca-pé nos «tremendos sacrifícios» do povo soviético. Não temos motivo para evitar o tema do preço que nos custou a industrialização. Mas para compreendê-lo em todo o seu relevo é necessário recordar aquilo que Alsop omite e que a propaganda burguesa habitualmente silencia: o preço que foi pago pela industrialização capitalista.

OS SACRIFÍCIOS NO ALTAR DA INDUSTRIALIZAÇÃO CAPITALISTA

É sabido que a industrialização capitalista se efetua espontaneamente, na caça do lucro. É levada a cabo mediante uma inumana exploração dos operários, a ruína implacável dos camponeses, a pilhagem voraz das colônias.

«O descobrimento dos países da América ricos em ouro e prata; o extermínio, a escravização e o sepultamento em vida da população nativa nas minas; o princípio da conquista e do saque da Índia Oriental; a transformação da África em campo de caça para o tráfico dos negros, assinalam a aurora da era capitalista», escreveu Marx.

Se falamos dos sacrifícios da industrialização, por que não recordar que os recursos invertidos na jovem indústria capitalista eram extraídos do oprobioso comércio de escravos? Os negros eram caçados na África e vendidos na América. Nos fins do século XVIII, em Liverpool, dezenas de embarcações se dedicavam ao transporte de escravos. O tráfico de homens passou a ser todo um ramo de atividade que enriquecia fabulosamente. «Os atos de barbárie e as atrozidades das raças chamadas cristãs em todas as regiões do mundo e contra todos os povos que puderam subjugar não têm paralelo em época alguma da história universal, nem em qualquer outra raça, nem mesmo na mais selvagem e inculta, impia e desavergonhada», testemunhava em 1838 o inglês William Howitt.

As riquezas conquistadas no ultramar por esses processos — a pilhagem, o subjugamento, o genocídio — financiaram a industrialização capitalista.

Teria acaso sido barata para a população das metrópoles? Nada disso. Efetuou-se à custa da expropriação dos camponeses e dos artesãos, com a exploração monstruosa dos operários.

No desenvolvimento da indústria capitalista desempenharam um imenso papel os empréstimos públicos e o sistema de proteccionismo. Estes se achavam estreitamente associados ao incremento da pressão fiscal.

A expansão da maquinaria acarretou a ruína de várias centenas de milhares de tecelões ingleses, muitos dos quais morreram de fome. E as conseqüências para a Índia da aparição das máquinas foram consignadas gráficamente por seu governador geral em 1834-1835: «Os ossos dos tecelões de algodão branqueiam as planícies da Índia».

O emprego das máquinas deu lugar ao prolongamento desmesurado da jornada de trabalho. «Desde que se passou ao emprego geral da custosa maquinaria, a natureza humana tem sido forçada muito além da sua resistência média», escreveu o socialista utópico Robert Owen.

As conseqüências penosas da etapa inicial da industrialização capitalista engendraram, em princípios do século XIX, o movimento dos destruidores de máquinas. Mais tarde, porém, os operários compreenderam que a culpa não era das máquinas mas da sua utilização capitalista.

O nascimento da indústria capitalista significou a exploração brutal do trabalho infantil. Vejamos o que escrevia nos fins do século XVIII o economista inglês Eden: «Vale talvez a

pena que o público opte por uma manufatura que, para ter custo, precisa resbar os meninos pobres das fazendas e dos patronatos e entusiasmá-los e tirá-los o repouso durante a maior parte da noite; uma manufatura que além disso amontoa indivíduos de um e outro sexo, de diversas idades e inclinações, até ao ponto de que o contágio do exemplo tem que conduzir à depravação e à libertinagem, se uma semelhante manufatura pode aumentar a soma da felicidade nacional e individual».

Os que hipocritamente manifestam sacrilégio «compaixão» pelo povo soviético, os que difamam a industrialização socialista deveriam recordar como cresceu a indústria dos países capitalistas chamados civilizados. Leia-se, por exemplo, o que diz da exploração da mão de obra infantil na Grã-Bretanha o livro de John Fielden «A maldição do sistema fabril», editado em Londres em 1898:

«Em muitos distritos fabris, especialmente de Lancashire, esses inocentes e desamparados seres, consignados aos senhores fabricantes, foram submetidos às mais horrosas torturas. Eram assassinados à força de trabalho... Eram açoitados, carregados de correntes e atormentados com o mais rebuscado refinamento de crueldade; estavam muitas vezes mortos de fome, enquanto o chicote os mantinha trabalhando... Em alguns casos, foram levados ao suicídio!... Os lucros dos fabricantes eram enormes. Isso não fazia senão excitar a sua avidez canina...»

A custa de quem mais foi levada a efeito a industrialização capitalista? A custa do sangue dos soldados que morriam nos campos de batalha. Foi precisamente com a guerra de 1870-1872 que a Alemanha arrancou da França os cinco bilhões de francos de contribuição que inverteu em sua indústria. A indústria de contribuição que inverteu foi criada mediante o saque vergonhoso da população nativa da América e a exploração dos escravos negros, à custa dos empréstimos exteriores.

Sobre os ossos de sucessivas gerações de meninos e de escravos negros, sobre o sangue e o suor de milhões de seres humanos repousa a moderna indústria dos países capitalistas avançados.

POR ONDE COMEÇARAM OS SOVIÉTICOS

Naturalmente, a construção da economia socialista não podia seguir esses caminhos. Era necessário levantar a vida nova por processos novos e, o que era mais, em condições sumamente desfavoráveis.

A Rússia dos tsares era um país agrário atrasado. Pelo volume da produção industrial ocupava o quinto lugar do mundo e o quarto da Europa. A quantidade da sua maquinaria moderna era quatro vezes menor do que a da Inglaterra, cinco vezes menor que a da Alemanha e dez vezes que a dos Estados Unidos.

O povo soviético incumbiu-se da tarefa de transformar seu país em uma potência industrial avançada. Este problema requeria antes de tudo uma poderosa indústria pesada, instalações, combustíveis, metais, produtos químicos. Sem indústria pesada era impossível garantir a independência econômica-técnica do país cercado pelo capitalismo. Sem indústria pesada não se podia edificar o socialismo nem na cidade nem no campo. Sem indústria pesada não se podia assegurar o reequipamento técnico da agricultura e da indústria leve, não se podia elevar o nível de vida do povo.

Ao projetar a construção da base técnica do socialismo, Lênin atribuía singular importância à eletrificação, dizendo: «Se a Rússia se cobrir de uma espessa rede de centrais elétricas e de potentes instalações técnicas, nossa construção econômica comunista será o exemplo para o futuro socialista da Europa e da Ásia.»

Era, sim, um programa audaz. Tão audaz que pareceu um sonho irrealizável ainda para a ilimitada fantasia burguesa de Herbert Wells, que, depois de visitar a Rússia em 1920, escreveu: «Se bem que Lênin, como marxista ortodoxo, nega todas as utopias, no fim de contas calu ele mesmo numa utopia, a utopia elétrica. Apóia com todas as suas forças um plano de organização na Rússia de centrais elétricas gigantes que fornecerão luz, água e força motriz a regiões inteiras. É acaso possível imaginar projeto mais audaz num vasto país plano, com bosques intermináveis e mufiques analfabetos, com um desenvolvimento infimo da técnica e uma indústria e um comércio agonizantes?»

Devemos dizer que Wells visitou o Estado soviético no período em que este não dispunha nem da mísera herança da Rússia czarista. Em 1920, a grande indústria de nosso país produzia quase sete vezes menos que em 1913; a fundição de ferro não passava de 2,7% do nível de antes da guerra; a produção de cimento de 2,4%; a de sabão de 7,1%; a de tecidos de algodão de 4%.

Sem dúvida, as dificuldades eram enormes. E eram ainda maiores porque o País Soviético realizava a industrialização em pleno isolamento, cercado por Estados inimigos. O povo soviético não podia contar senão consigo mesmo, com suas forças e recursos; não dispunha dos especialistas necessários; tinha de combater a sabotagem e a resistência dos elementos contra-revolucionários.



Modernos e possantes caminhões foram apresentados na exposição da Fábrica Yaroslavl. Esse tipo de caminhões foi pela primeira vez empregado na construção do canal Volga-Don, na União Soviética

Para vencer estas dificuldades, os soviéticos aceitaram sacrifícios, sérias restrições na satisfação de suas necessidades materiais e culturais e as aceitaram conscientemente, porque viam que não existia outra possibilidade de cancelar rapidamente o atraso secular do país.

A situação existente não permitia demoras. O problema estava colocado nos seguintes termos: ou a industrialização socialista no mais curto lapso de tempo ou a derrota e o afundamento do Estado soviético na nova intervenção que os agressores imperialistas preparavam. Foram invertidos nela os lucros da indústria, do transporte e do comércio pertencentes ao Estado.

Precisamente nos anos de industrialização foi lançada na União Soviética a emulação socialista, movimento popular no qual se cristalizou o papel vivificante do novo regime social. A iniciativa fecunda e a atividade de grandes massas foram um fator decisivo do incremento inusitado das forças produtivas.

O ritmo do desenvolvimento era verdadeiramente incomparável. Nos anos dos planos quinquenais de antes de guerra foram construídas e postas em exploração mais de nove mil grandes empresas do Estado, entre elas os combinados metalúrgicos de Magnitogorsk e Kuznetsk. Já, em 1936 estas duas fábricas fundiam mais ferro que todo o Japão.

Foram iniciadas indústrias inteiras: do automóvel, do trator, de máquinas-ferramentas, de aviação, de aparelhos de precisão, de produtos sintéticos. Desenvolveu-se rapidamente a metalurgia, a indústria do combustível, a energética e outros ramos da indústria pesada.

Industrializaram-se regiões da Rússia antes atrasadas. No Kazaquistão, Kirguízia e Tadzhikistão surgiram grandes empresas de metalurgia, de carvão e de petróleo, construtoras de maquinaria e outros ramos.

Os propagandistas burgueses que se dedicam a perorar sobre os sacrifícios do País Soviético silenciam que, diversamente da industrialização capitalista, a industrialização efetuada no País Soviético teve as seguintes condições: 1) jornada de trabalho normal (de seis a oito horas); 2) férias anuais pagas a todos os operários e empregados; 3) amplo desenvolvimento do seguro social do Estado; 4) incremento sistemático do salário real.

Silenciam também que, juntamente com a indústria pesada, o País Soviético construiu a indústria leve. Já em 1936 somente três fábricas de calçados (Skorojod, de Leningrado; Comuna de Paris, de Moscou e Mikoyan de Rostov) produziam quase quatro vezes mais que todas as fábricas da Rússia juntas antes da Revolução. Nos primeiros vinte anos de Poder soviético, a produção global da indústria de alimentação aumentou 4,4 vezes; a têxtil 3,2 vezes.

Não somente se ampliou a base de matérias-primas da indústria têxtil como foram criados vários importantes centros dela na Ásia Central, na Sibéria Ocidental, na Ucrânia. Apareceram novos ramos da indústria de alimentação: de conservas, de chá, de margarina, de vitaminas, de concentrados alimentícios.

Em menos de vinte anos a União Soviética adquiriu um desenvolvimento industrial para o qual a Inglaterra necessitou quase dois séculos e os Estados Unidos cerca de um. Ao mesmo tempo todo investigador imparcial deverá reconhecer que o caminho da industrialização socialista foi para as massas trabalhadoras incomparavelmente mais leve que o caminho da industrialização capitalista.

Isso não descarta, é claro, as imensas dificuldades, as grandes privações que tivemos de vencer. Mas, ao olhar para trás, os soviéticos vemos que a linha de industrialização socialista era absolutamente acertada. E a confirmação patente disso foi a marcha posterior da história.

(Conclui no próximo número)

A Vitória da Revolução de Outubro, Derrota do Revisionismo e do Dogmatismo

Carlos Daniels

Este ano comemora-se o 40º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. Há 40 anos, o proletariado russo, em aliança com os camponeses e sob a direção do Partido dos bolcheviques, conquistava pela primeira vez na história da humanidade o poder político. Não se tratava, como ocorrera em todas as revoluções anteriores, da substituição de classes exploradoras no poder nem de uma forma de exploração «envelhecida» por outra «nova em folha», mas da liquidação de todas as formas de exploração e das classes exploradoras na Rússia. A vitória da Revolução de Outubro abriu uma nova era na história da humanidade, a era das revoluções

proletárias e da conquista de um regime social em que as necessidades sempre crescentes do povo são satisfeitas cada vez mais plenamente: o regime socialista.

De país atrasado e semifeudal, em um curto prazo histórico, a Rússia se transformou numa potência de primeira grandeza. Industrializou-se à sua própria custa, coletivizou a agricultura, onde hoje trabalham centenas de milhares de máquinas as mais modernas, levou a cabo a revolução cultural, liquidando, primeiro, o analfabetismo de seu

povo e colocando-se, hoje, como o país mais desenvolvido no terreno cultural e científico e com uma técnica avançada. Exemplos recentes que nos dão provas, dentre outras, do enorme progresso realizado pela União Soviética são o foguete balístico intercontinental e o lançamento do satélite artificial que polarizam, nos últimos tempos, as atenções de todo o mundo.

Desde a vitória da Revolução de Outubro, há 40 anos, o mundo sofreu profundas modificações. O socialismo saiu dos mar-

cos de um só país e transformou-se num sistema mundial que abarca mais de 900 milhões de pessoas. O sistema colonial do imperialismo entra em sua fase final de decomposição. Abrem-se novas e ricas perspectivas aos povos que lutam pela sua libertação nacional e social.

A vitória da Revolução de Outubro e da construção do socialismo na URSS é a vitória do marxismo-leninismo sobre o revisionismo e o oportunismo, mas, também, sobre o dogmatismo e o sectarismo. No combate a essas duas formas de subjetivismo e na justa aplicação do marxismo às condições concretas da Rússia está o segredo da vitória (CONCLUI NA 11ª PÁG.)

DELA CESSAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS COM ARMAS ATÔMICAS!

A ONU na Encruzilhada da Paz e da Guerra

O 24 de outubro, dia das Nações Unidas, encontrou a entidade internacional diante de graves problemas — Oriente Médio: a agressão à Síria será o início de uma nova guerra mundial —

— AS PROPOSTAS PACÍFICAS DA URSS SÃO REALISTAS E VIÁVEIS — O BRASIL DEVE DEIXAR DE SER PEÇA DA «MÁQUINA DE VOTAR» DOS EE.UU.

TRANSCORREU a 24 de outubro o dia das Nações Unidas. Como nos anos anteriores, foram realizadas várias comemorações e reuniões públicas destinadas a propagar os princípios da Carta da ONU.

No preâmbulo da Carta, os representantes dos povos proclamaram a sua fé nos direitos fundamentais do homem e, no seu artigo primeiro, que fixa os objetivos das Nações Unidas, figura com a maior ênfase a declaração de que a entidade se destina a assegurar a paz e a segurança entre os povos.

Entretanto, devido à preponderância numérica dos países que conduzem uma política exterior submissa ao Departamento de Estado norte-americano, na Assembleia Geral, no Conselho de Segurança e em outros organismos da entidade, tem esta inúmeras vezes, em momentos críticos, contrariado os princípios básicos que deveriam nortear a sua atividade.

Por ocasião do conflito coreano, por determinação da maioria dócil aos agressores lanques, a ONU executou a política destes e emprestou-lhes mesmo a sua bandeira e o seu nome para a agressão. Essa mesma maioria vem negando ao povo chinês o seu direito incontestável de se representar na organização internacional e ao manter o representante de Chiang-Kai-shek em seu seio outra coisa não faz senão executar a política lanque de manutenção de um perigoso foco de guerra no Extremo Oriente. Contrariando um dos princípios basilares da Carta, de não intervenção nos assuntos internos dos países membros, a maioria submissa à política lanque deliberou a criação de um Comitê de Investigação sobre as questões internas da República Popular da Hungria. Ao manter no Subcomitê de Desarmamento uma composição em que figuravam as quatro principais potências da OTAN ao lado do representante da União Soviética, a entidade condenou previamente ao fracasso as negociações que durante tantos meses se arrastaram em Londres.

A «máquina de votar» dos Estados Unidos

Ao apreçarmos essa correlação de forças dentro dos órgãos da ONU, não podemos deixar de salientar a participação decisiva, na maioria submissa aos Estados Unidos, das vinte repúblicas latino-americanas. Em todas as votações, sistematicamente e sem discrepâncias, os representantes dos países latino-americanos votam de acordo com os Estados Unidos, o que sem dúvida expressa a fraqueza dos movimentos de independência nacional no continente americano. É à frente dessas representações latino-americanas, que já são conhecidas como a «máquina de votar» do Departamento de Estado, vem figurando como uma espécie de líder da submissão precisamente a representação brasileira, que reflete na ONU a vergonhosa política até aqui seguida pelos sucessivos governos de nosso país.

De outro lado, como expressão do movimento de independência nacional em vigorosa ascensão, dos povos afro-asiáticos, muitas votações já têm sido contrárias aos planos norte-americanos, graças às posições cada vez mais consequentes de numerosas delegações daqueles continentes em defesa da paz, da segurança e da soberania de todos os povos.

Questões imediatas para a ONU:

a) Oriente Médio

Este 24 de outubro de 1957 ocorre logo após a abertura de mais uma sessão da Assembleia Geral da ONU, em meio a um agravamento da tensão internacional como consequência da aplicação da «doutrina Eisenhower» ao Oriente Médio e particularmente dos planos de agressão à Síria, inspirados pelo

governo dos Estados Unidos. O representante da URSS, Gromiko, apoiou na ONU o pedido da Síria de formação imediata de uma comissão destinada a visitar a sua fronteira com a Turquia, a fim de investigar as denúncias de seu governo e do governo sírio de que o estado-maior turco pretende desencadear a agressão logo após



PABLO NERUDA

as eleições de 27 do corrente. «Se a ONU não quer assinar sua própria sentença de morte deve encontrar uma solução para a crise», disse Gromiko.

O governo soviético, em várias oportunidades e através de sucessivos pronunciamentos, deixou bem claro que a URSS não poderá assistir de braços cruzados a um conflito em suas fronteiras em consequência de uma agressão à Síria. Nas condições atuais de corrida acelerada aos armamentos nucleares e dada a presença na região da VI Esquadra norte-americana, que para ali se deslocou para aplicar a «doutrina Eisenhower», dificilmente seria limitado ou dominado um conflito no Oriente Médio. «Quando os canhões começarem a falar e os

foguetes a voar, será tarde demais», advertiu recentemente o dirigente soviético Nikita Khrushchov.

Está, assim, colocada diante da ONU a questão da planejada agressão à Síria, que poderá ser o estopim de uma nova guerra mundial. Cabe-

riências por doze meses, mas subordinada à aceitação das questões mais complexas do desarmamento.

Há dez anos a URSS anunciava ao mundo que possuía a bomba atômica e propunha a proibição dessa arma. Há quatro anos, comunicava



Diego Rivera

lhe agir rapidamente, assegurando a integridade de um país membro da entidade, para o que tem o apoio de todos os povos, que querem a paz e a segurança e não a guerra e a destruição.

b) Desarmamento e Cessação das Experiências Com Armas Atômicas

A questão do desarmamento figura em primeiro lugar na ordem do dia dos trabalhos da Assembleia Geral. Dela faz parte o problema da cessação das experiências com armas nucleares.

O Subcomitê de Desarmamento terminou os seus trabalhos em Londres sem sequer fixar a data para nova reunião. Nêle só tinham voz e voto a URSS e as quatro potências mais interessadas na OTAN, com os Estados Unidos à frente.

A URSS apresentou propostas de desarmamento e de proibição imediata das provas com armas nucleares, a começar por um período de dois a três anos, sem qualquer condição ou subordinação aos demais problemas. As potências da OTAN apresentaram propostas de desarmamento, sob várias condições e suspensão das expe-

para fins guerreiros. O primeiro ministro japonês, ao falar sobre o lançamento do satélite soviético, expressou com muita propriedade o pensamento de milhões de pessoas do mundo inteiro: «A política de preparação guerreira é hoje um anacronismo».

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

Seguindo-se à mensagem do cientista e humanista Alberto Schweitzer e a dos sábios alemães, os homens de ciência de todos os países alertaram os povos dos perigos que decorrem para a atual geração e para as vindouras, das contantes explosões nas provas com armas nucleares. Dois mil cientistas norte-americanos enviaram ao mundo a sua corajosa mensagem. O Papa Pio XII dirigiu-se aos católicos. Tomaram posição os budistas, confucionistas, os protestantes de todas as setas. A Juventude Operária Católica e a Juventude Metodista Mundial lançaram proclamações em seus recentes congressos. A reunião do Conselho Mundial da Paz, realizada em Colombo, capital do Ceilão, compareceram homens das mais diferentes convicções religiosas e políticas, que se uniram no apelo a todos os governos e todos os povos, para que num esforço comum promovam a cessação imediata das experiências com as armas nucleares.

Reforça-se assim, a luta de todos os povos pela paz e o verdadeiro clamor universal pela trégua atômica.

xico, o pintor Diego de Rivera se dirigiu a todos os artistas e homens de cultura do continente:

«Para chamar a todos aqueles que vivem pelo amor e a sensibilidade humana criando a beleza — indispensável alimento de uma vida elevada — para clamar, exigir, fazer com que todos os homens clamem, exijam e obtenham a suspensão imediata das experiências de bombas atômicas».

No Brasil: Paz e Política Exterior Independente

No Brasil os estudantes reunidos em seu Congresso da UNE, os jornalistas em seu VII Congresso, associações prestigiosas como o Rotary Club e o Lions Club, o prof. Artur Moses, presidente da Academia Brasileira de Ciências, a Igreja Metodista do Brasil em seu órgão oficial, e por suas vezes mais autorizadas como a do Bispo Cezar Dacorso Filho, assembleias estaduais e câmaras municipais, associações e líderes sindicais, — lançaram todos as suas mensagens e apêlos pela trégua atômica. Dezenas de mulheres, eminentes escritoras, jornalistas e atrizes, entre as quais Henriette Morineau, Tônia Carreiro, Cilda Becker, Dulcira de Moraes, Maria Clara Machado e Tereza Austregésilo, dirigiram-se à ONU, reivindicando em nome da humanidade, que seja posto um parafuso às provas com armas nucleares.

Ao mesmo tempo, novos pronunciamentos são feitos exigindo a denúncia do acordo com os Estados Unidos que entregou a ilha de Fernando de Noronha as forças armadas norte-americanas para base de projéteis teleguidados. Torna-se cada vez mais vigorosa em todo o país a campanha por uma política exterior independente, que sirva aos anseios de paz de nosso povo e retire o país da vergonhosa posição em que vem sendo mantido por seus governos — de simples peça da «máquina de votar» latino-americana, que o Departamento de Estado lanque maneja na ONU como bem entende.

A Palavra de Neruda

O grande Pablo Neruda, da tribuna de Colombo fazia dramático apêlo conclamando os escritores de todo o mundo a juntar os seus esforços aos dos cientistas, religiosos, líderes sindicais e estudantes:

«Face a esta ameaça universal uma grande parte dos escritores contemporâneos permanece muda... Nos sabemos que jamais existiu um perigo tão imenso para a humanidade. Pensamos que Shakespeare que Cervantes, que Tolstói diante de uma tal encruzilhada, teriam elevado as suas vozes de gigante contra a morte»

Apêlo de Diego Rivera

No mesmo sentido do Mé-

Poderá a ONU Corresponder aos Anseios dos Povos

Ao enfrentar essas questões candentes, da tensão no Oriente Médio e do desarmamento e cessação das experiências com armas nucleares, terá a Assembleia da ONU a oportunidade de atender aos profundos anseios de todos os povos. Nesta hora decisiva, os sentimentos de milhões de homens e mulheres, de todos os países, expressados pelos meios mais diversos, fazem sentir o seu peso sobre os governos e sobre as suas delegações junto à ONU. Na Assembleia Geral não somente têm voz as potências que formam o Subcomitê de Desarmamento, mas também os povos que a têm sofreram com o emprego das bombas atômicas e com os feitos nocivos das experiências nucleares. Estão ali representados os países que vêm sendo, a contragosto, transformados em depósitos de bombas e armas nucleares e que serão os primeiros a sofrer a destruição de uma nova guerra. Na era dos vãos interplanetários, dos foguetes atômicos que podem ir à Lua, ante o clamor universal dos povos ameaçados de destruição, aproxima-se o momento em que a ONU poderá ser um instrumento eficaz dos princípios inscritos em sua Carta e precipuamente dos objetivos constantes do seu artigo primeiro: assegurar a paz e a segurança para todos os povos.

FÔRÇA PROLETÁRIA DE MEIO MILHÃO DE GREVISTAS

Os operários paulistas derrotam a intransigência patronal, a violência da polícia de Jânio Quadros e a ação dos provocadores — Ampla solidariedade ao movimento grevista — A atuação poderosa, mas pacífica, dos piquetes — Veio o piquete e a «Alpargatas» parou — A classe operária na vanguarda da luta contra a carestia

Durante mais de uma semana, a impetuosa greve de meio milhão de trabalhadores, em São Paulo, empolgou a todos e constituiu o assunto das manchetes de todos os jornais. Alguns dos mais importantes setores profissionais desceram ao movimento, ante a intransigência patronal e a demora em ser encontrada uma solução, na Justiça do Trabalho. Foram assim à greve centenas de milhares de metalúrgicos, gráficos, têxteis, mestres e contra-mestres, trabalhadores em curtumes, em papel e papelão.

Na madrugada do dia 22, aderiram à parede os vidreiros (30.000) e no dia seguinte, 23 de outubro, cruzavam também os braços os trabalhadores no açúcar (12.000). Ampliava-se assim, ainda mais, a gigantesca demonstração dos trabalhadores paulistas, em protesto contra os salários miseráveis que recebem e contra a carestia de vida.

Desmentindo as mentiras e os boatos, propagados pelos patrões, de que a greve terminara e de que o trabalho havia reconhecido em todas as fábricas, respondiam os operários com a ampliação da greve e com a sua decisão firme de só retornar ao trabalho após a vitória.



No primeiro dia de greve, quando o movimento ainda não havia se estendido nem se solidificado, a polícia postava-se em frente aos portões das fábricas, no horário de entrada para o trabalho.



Um dos mais importantes piquetes quando reposou, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos.

Apesar da Violência, Prosseguiu a Greve

Diante da firmeza demonstrada pelos operários, tentaram os patrões e o governo paulista — o governador Jânio Quadros manteve-se «democrata» apenas durante os três primeiros dias de greve. — recorrer à violência, para obrigar os trabalhadores a cessar a greve. Mais de dez mil policiais, civis e militares passaram à repressão aberta; capangas contratados pelos industriais, em muitas fábricas, agrediram os operários à bala; cavalariães e «tiras» chegaram a espancar homens e mulheres operárias, à frente

que se dirigiam para a porta das fábricas — das poucas que continuavam trabalhando a fim de convencer seus companheiros de que deviam aderir à greve.

Foi assim que pararam os trabalhadores da Indústria de vidro, cristais e espelhos, em número de 12 mil, na madrugada do dia 22.

No sétimo dia da greve, desfilaram pelas ruas de São Paulo 26 mil trabalhadores, tendo à frente o vice-governador do Estado, general Porfírio da Paz, e numerosos líderes sindicais — era um piquete monstro, que se dirigia para a Fábrica Alpargatas, de propriedade inglesa, a fim de fechá-la. Tratava-se de uma fábrica de 4.500 operários, dos quais cerca de 1.200 continuavam trabalhando até a chegada do piquete. Parou completamente.

Participam nos piquetes líderes sindicais, jornalistas, parlamentares (inclusive deputados federais). Sua ação é sempre coroada de êxito. E tal foi a autoridade imposta pelos piquetes e a seriedade com que enfrentaram as provocações, de tal maneira soberaram reprimir os desordeiros que o governador Jânio Quadros foi obrigado a recuar de atitude de violência que tomara e ordenar o respeito, de forma absoluta, ao direito de greve dos trabalhadores; não se tolerando nenhuma violência contra os mesmos; respeitar a ação dos piquetes, desde que pacificamente se traduzia apenas na sua distribuição de panfletos ou argumentação verbal por parte dos piquetistas.

Destacou-se na atividade dos piquetes a grande participação de mulheres operárias que saíam de casa de madrugada para engrossar os grupos que se iam formar à porta das fábricas, para convencer os companheiros de que deviam parar.

Manifestações de Solidariedade

Tão logo foi deflagrada a greve, surgiram as manifestações de apoio à justa luta dos trabalhadores, por um pouco mais de pão e contra a carestia. Não se fez esperar a solidariedade das demais categorias profissionais, de organizações estudantis e populares, e até mesmo da Assembléia Legislativa e de câmaras municipais.

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria em reunião realizada no Rio, aprovou o envio de mensagem aos grevistas em que reconhecia seu direito de recorrer à greve, em defesa de suas legítimas reivindicações. Apelava, ao mesmo tempo, para os empregadores, no sentido de que atendessem aos reclamos dos trabalhadores.

O Partido Democrata Cristiano, através de seus diretó-

rios Regional e Municipal, enviou também sua solidariedade aos trabalhadores em greve, nomeando um comissão composta de parlamentares e dirigentes partidários para acompanhar e auxiliar os grevistas.

Uma grande passeata, de apoio à greve, foi realizada pelos estudantes universitários de São Paulo, através das ruas centrais da capital do Estado.

A União Estadual dos Estudantes enviou também o seu apoio.

A Câmara Municipal de São Paulo, por unanimidade, aprovou a concessão de um milhão de cruzeiros aos grevistas. Também na Assembléia Legislativa do Estado, foi proposto auxílio idêntico. A Câmara Municipal de Campinas aprovou, unanimemente, moção de solidariedade aos grevistas; assim fez também a Câmara de Santos e a Câmara Municipal de Santos aprovou o auxílio de 100 mil cruzeiros, aos grevistas e suas famílias.

Dispostos os Grevistas a Fazer Entendimentos

Em todos os momentos, demonstraram os trabalhadores a sua disposição de chegar a acordo com os patrões. A deflagração da greve deu-se apenas depois de esgotados todos os recursos e diante da intransigência patronal, reconhecida publicamente pelo próprio Ministro do Trabalho.

Comissões de dirigentes sindicais procuraram os empregadores na sede da Federação das Indústrias; uma delegação foi ao Catete entrevistando-se com o Presidente da República. Apesar das violências policiais e do reu do governador Jânio Quadros ante a pressão dos patrões, os grevistas mantiveram com ele os seus contactos — tudo isso à espera de que o entendimento se fizesse, numa base aceitável para ambas as partes.

Uma «fórmula JK» foi apresentada e debatida por uma assembleia-monstro, que reuniu no Estádio Distrital da Mooca cerca de 50.000 operários em greve. Consistia a fórmula em 20% de aumento, com a perspectiva de mais 5%, a ser concedido pela Justiça do Trabalho.

Em resposta, apresentaram os industriais propostas inflexíveis: — aumento de 20%, com teto de 1.200 cruzeiros, condicionados à retirada do dissídio coletivo;

— aumento de 15%, com teto de 1.000 cruzeiros e prosseguimento do dissídio.

Insistiam ainda os patrões na cláusula de «insuficiência econômica».

Na assembleia da Mooca, essa proposta patronal foi repudiada com energia pelos grevistas. Depois de debates acalorados, decidiram eles: manifestar-se a favor do estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com todos os países do mundo; pedir a realização de uma mesa-redonda com o prefeito

Adeмар de Barros e o governador do Estado, para discutir medidas concretas contra a carestia. E ainda, realizar uma grande manifestação de protesto, em frente ao Palácio dos Campos Eliseos, contra as violências policiais. Na mesma assembleia, exigiram os grevistas a demissão do ministro do Trabalho e do delegado regional do Trabalho.

No dia 24, nono dia de greve, realizava-se o julgamento do dissídio coletivo, na Justiça do Trabalho.

OS TRABALHADORES LUTAM CONTRA A CARESTIA

A greve dos trabalhadores paulistas mobilizou intensa solidariedade de todas as camadas da população, porque constituiu vigorosa manifestação de protesto contra a elevação incessante do custo de vida. Apenas há poucos meses, empenharam-se os trabalhadores paulistas numa campanha ampla pela aprovação do projeto Honório Silva, que concedia isenção do imposto de vendas e consignações a nove gêneros

de 1ª necessidade. Por pressão do governo estadual e de setores interessados na especulação, o projeto foi rejeitado na Assembléia Estadual.

Agora, em pleno movimento grevista, exigim os trabalhadores medidas concretas do governo, para deter a alta dos preços. Sua luta não afeta, portanto, apenas aos próprios trabalhadores — não é uma luta reivindicativa estreita, das categorias profissionais — mas interessa a todo o povo, empenhando também em barrar a carestia.

No programa que apresentam aos patrões e ao governo, para solucionar a greve, os trabalhadores querem ver assegurados que serão tomadas medidas concretas, para combater o alto custo de vida. Por essa razão, sua luta justa por melhores salários deve ser apoiada por todo o povo.

A greve dos trabalhadores paulistas trará grandes ensinamentos para toda a classe operária brasileira e impulsionará suas lutas pela conquista de novas reivindicações.

AS BANDEIRAS DA GREVE:

AUMENTO DE SALÁRIOS E CONEXÃO DA CARESTIA

ANTECEDENTES GRANDE MOVIMENTO DOS OPERÁRIOS PAULISTAS — JUSCELINO E PARSIFAL BARROSO NÃO CUMPRIRAM AS PROMESSAS DE TOMAR MEDIDAS CONTRA OS ALTOS PREÇOS — O PACTO DE UNIDADE E A ALIANÇA INTERSINDICAL — OS PIQUETES, UMA NOTÁVEL EXPERIÊNCIA

A classe operária de São Paulo dá hoje um exemplo de sua consciência e espírito de luta, com a empolgante greve por aumento de salários e contra a carestia que

range mais de quatrocentos mil operários de várias categorias profissionais: mecânica, além da capital paulista, vários outros municípios de São Paulo, particu-

larmente Santo André, São Caetano, Jundiaí, Mogi das Cruzes participam da parde. Os trabalhadores em calçados, categoria que reúne cerca de 25.000 trabalhadores, realizaram, por sua vez, uma greve de 18 dias, de 23 de setembro a 10 de outubro, que culminou com a vitória do aumento salarial de 25% em

teto.

Aliança Intersindical

O proletariado paulista acha-se organizado em torno de poderosas entidades de classe, e sindicatos com respeitáveis quadros sociais, de milhares e milhares de trabalhadores. Ao lado disso, os trabalhadores dos diversos setores estreitam suas reivindicações através do Pacto de Unidade Intersindical, que eleva a unidade e organização da classe a um nível mais alto. O Pacto de Unidade reúne, assim, quase duas centenas de sindicatos de operários e empregados.

No atual movimento reivindicatório, os trabalhadores realizaram inúmeras reuniões conjuntas no Pacto de Unidade, e centenas de assembleias em seus órgãos de classe, colocando a luta por aumento



A greve de 20.000 sapateiros na capital paulista foi o ponto de partida para o grande movimento paralisista de diversas e importantes categorias profissionais. Na foto, uma passeata de sapateiros realizada durante a greve.

de salário estreitamente ligada ao movimento de todo o povo contra a carestia. Constituiu-se a Comissão Coordenadora por Aumento de Salários e contra a Carestia, no seio do próprio Pacto de Unidade, mas que dava, entretanto, plena autonomia a cada setor profissional para estabelecer entendimentos em separado com os patrões e reivindicar o aumento de acordo com a decisão de suas respectivas assembleias.

As categorias profissionais mais numerosas — metalúrgicos, têxteis e gráficos — face à intransigência patronal, liderada pela Federação das Indústrias, realizaram uma reunião conjunta a 3 de outubro, constituindo-se em Aliança Intersindical e marcando para o dia 13 as suas assembleias decisivas para a deflagração da greve do dia 15, caso os patrões não atendessem as reivindicações. Contra a unidade dos patrões, organizou-se, assim, a unidade dos trabalhadores. Os trabalhadores em curtume e do papel e papelão aderiram à Aliança e no dia 15 estava deflagrada a greve de seis categorias profissionais, que alcançou no 1º, 2º e 3º dias, 80, 95 e 100% de paralisação.

trabalhadores que tomariam todas as medidas necessárias para pôr um parêntese na sistemática elevação dos preços dos gêneros de primeira necessidade. Os trabalhadores suspenderam a greve do dia 20, e um dia depois subiam os preços do pão e do leite, numa evidência da tração aos compromissos assumidos com o proletariado e o povo. Os preços continuaram subindo, nenhuma medida foi tomada pelo sr. Juscelino Kubitschek e Parsifal Barroso.

Novamente, às vésperas da greve, o sr. Parsifal Barroso tentou enganar os trabalhadores, empregando todos os esforços, numa entrevista mantida com os dirigentes da Aliança Intersindical, para sustar o movimento paralisista. No entanto, o plano do governo foi repellido com energia, os dirigentes sindicais lhe recusaram o não cumprimento da palavra empenhada, e a intransigência dos patrões não conceder o aumento, quando o salário real decrescia continuamente em face da carestia da vida. E lhe disseram: «V. Excia., quer saber porque os trabalhadores vão a greve? Apenas é necessário sairmos daqui para conversar com nossas mulheres».

Os Piquetes — Mestra do Movimento Grevista

Um dia ainda será descrito, a ação cheia de heroísmo, audácia e beleza dos piquetes mostrados da grande greve de outubro de 1957 em São Paulo. Verdadeiros rolos compressores, avalanches que imobilizaram quase a totalidade das indústrias paulistas. Inicialmente, recebidos à bala pelos próprios patrões e seus prepostos, depois por choques da Polícia Pública do governo

Jânio Quadros, os piquetes fizeram cumprir as decisões das assembleias, a vontade do oprário em luta.

Jamais os trabalhadores deram tão elevada demonstração de seu nível de unidade e organização. Piquetes menores de diversas categorias profissionais espontaneamente se juntavam formando um único caudal de grevistas, passando de fábrica em fábrica, nos bairros operários.

A greve está à vista em cada bairro, em cada rua, em cada esquina. Nos bairros da Mooca, Lapa e Santo Amaro os piquetes são de 1.000, 2.000 e 3.000 homens e mulheres. Em Santo André, no segundo dia de greve, um piquete de 5.000 grevistas paralizou a vida da cidade. A Alpargatas, empresa de têxteis e papéis, e que não havia sido atingida nas greves anteriores no quinto dia de greve, depois da paralisação, voltou a funcionar com relativa porcentagem de trabalhadores, devido à pressão da polícia e dos patrões. A assembleia da Alpargatas parou para só voltar a funcionar depois da vitória. De 25.000 operários se compunha o «piquete» que marchou vitoriosamente sobre essa empresa.

Alastra-se a Greve

No dia 22 entraram em greve os vidreiros, no dia 23, os refinadores da União Química, juntamente com os vidreiros, engrossaram a parede com mais de 30.000 novos grevistas.

Desta maneira, a greve chega a abranger cerca de meio milhão de trabalhadores e se apresenta como o mais amplo e vigoroso movimento grevista do proletariado brasileiro.



A atuação dos piquetes de grevistas contribuiu para solidificar o movimento e para impedir a ação dos agentes provocadores militares em Vila Mariana.



Os piquetes dos têxteis dispõem-se para a greve.



Os piquetes dos têxteis dispõem-se para a greve.



Os piquetes dos têxteis dispõem-se para a greve.



Os piquetes dos têxteis dispõem-se para a greve.

FORMAR AMPLA COALIZÃO PARA DERROTAR OS ENTREGUISTAS

NOTA DO C.R. DO RIO DO P.C.B. SOBRE AS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO DE 1958

1. A 3 de Outubro de 1958, realizar-se-ão no Distrito Federal as eleições para vereadores, deputados e Senador. Fato de maior importância, que tradicionalmente em nossa cidade desperta as massas para a luta política, para o debate em torno dos problemas nacionais e locais.

Utilizando as eleições poderá o Povo carioca contribuir para importantes modificações no que tem de reacionário a política do governo federal. Através delas, o povo da Capital da República poderá alcançar modificações de caráter progressista na política do governo da cidade. As eleições aguçam as contradições entre os diversos grupos e partidos e permitem aprofundar as lutas da classe operária e do povo em geral por melhores condições de vida e de trabalho.

Os comunistas da Região do Rio não poderão, por isto, deixar de participar ativamente desta batalha, já praticamente iniciada, colocando-se à frente das massas, aprofundando sua participação e contribuindo para sua organização.

O CR do Rio considera ser de fundamental importância, neste momento, participar ativamente do alistamento eleitoral, realizar um intenso trabalho de alistamento coletivo nos bairros, nas fábricas, nas repartições e nas escolas. Apoiar e indicar medidas dentro e fora do parlamento com o objetivo de facilitá-lo, bem como apoiar a emenda constitucional que concede direito de voto aos analfabetos, que mesmo na Capital da República constituem percentagem elevada.

O CR do Rio é de opinião que os comunistas devem diante das condições políticas existentes, a tendência ao alívio da tensão internacional e as condições favoráveis a ação das forças democráticas e patrióticas em nosso país, o clima pre-eleitoral em desenvolvimento, reforçar o movimento nacionalista em formação no país e no Distrito Federal e lutar para que se concretize a eleição do Prefeito do Distrito Federal em Outubro de 1958, importante reivindicação, das muitas que dizem respeito especificamente ao povo carioca. Das vitórias que alcançarmos com as eleições de outubro de 1958, dependerá, em grande parte, o êxito das eleições presidenciais de 1960.

2. O CR do Rio considera que, nas eleições que se aproximam, devem os comunistas

contribuir para modificar a composição da Câmara Municipal e da bancada carioca na Câmara Federal, derrotando os entreguistas, os agentes da Light, os que desejam instalar no país uma ditadura a serviço dos trustes norte-americanos, todos aqueles que no Distrito Federal se colocam contra os interesses da nação e do povo carioca. Na medida de suas forças e influência, os comunistas ajudarão a eleição de maior número de patriotas e democratas, que juntamente com os comunistas, constituirão, nas câmaras, força política de maior importância para a defesa dos interesses do povo.

O CR do Rio considera necessária e possível a organização de uma ampla coalizão eleitoral interpartidária e de forças patrióticas sem partido, para o isolamento e derrota dos reacionários e entreguistas à base de uma plataforma nacionalista e que defenda as reivindicações do povo carioca.

O CR do Rio apela aos trabalhadores e ao povo, homens e mulheres desta cidade, para que exerçam sua influência junto aos partidos e políticos de modo geral, objetivando a mais rápida concretização desta coalizão, à bem dos interesses da nação e do povo carioca.

3. A luta para tornar realidade a presente orientação, requer o máximo de iniciativa e atuação dos comunistas. Em cada fábrica, bairro, repartição e escola, devemos entrar em contato com as forças políticas locais, tendo em vista entendimentos para a eleição de patriotas e democratas, comunistas ou não, visando sempre defender os interesses das massas e reforçar o trabalho de frente única. É preciso encontrar em cada organismo, dentro da orientação geral traçada, o caminho mais justo para enfrentar o problema eleitoral. Como fruto desse trabalho, é que o Comitê Regional poderá estabelecer, dentro das forças e possibilidades do Partido na Região, o critério mais justo no que diz respeito aos candidatos para o pleito de outubro de 1958.

Certos de que é esta a orientação que mais se coaduna com as atuais exigências políticas, o C. R. do Rio concita os seus organismos a aplicarem esta orientação, com o vigor e o entusiasmo que sempre caracterizaram os comunistas da Capital da República.

Rio de Janeiro, Outubro de 1958
O CR do Rio do Partido Comunista do Brasil.

Perguntas e RESPOSTAS

O PAPEL DO ASSISTENTE E A DEMOCRACIA INTERNA

O leitor J. N. de Julz de Lira, nos solicita, que respondamos à seguinte pergunta:

— Qual deve ser o comportamento do assistente nas assembleias e conferências?

O próprio leitor, na carta que nos enviou, transmite a sua opinião a respeito e com a mesma estamos de acordo.

O papel do assistente dos organismos superiores, não é o de um interventor junto ao organismo para o qual está designado. Não lhe cabe nas assembleias e conferências exercer pressão, direta ou indireta, no sentido de que sejam aprovados ou rejeitados, determinados camaradas para os cargos eletivos. Nesta questão, como em todas as demais, o assistente tem naturalmente o direito de dar a sua opinião.

Quando se trata de eleições é conveniente, porém, que o assistente atue com a máxima discrição, só intervindo, como regra, para defender o cumprimento das normas gerais e dos Estatutos ou para advertir a propósito de alguma anormalidade. O que, absolutamente, não cabe ao assistente é impôr nome, para os cargos eletivos.

O assistente deve sempre levar em conta que não é membro do organismo que assiste e, portanto, não tem ali direito de voto. Como representante do organismo superior, cumprirá corretamente o seu papel utilizando sempre o método da persuasão, discutindo de igual para igual à base de argumentos e não fazendo meramente valer a sua autoridade. O assistente deve se esforçar para ganhar o organismo à execução das tarefas estabele-

cidas pela direção e cujo cumprimento é obrigatório, dentro do princípio de centralismo democrático O que não cabe, porém, ao assistente é determinar impositivamente e maneira própria pela qual cada organismo cumpre uma tarefa geral, levando em conta as condições específicas do meio em que atua.

Em suma, o assistente deve ter sempre em vista a necessidade de respeitar a autonomia dos organismos inferiores e desenvolver a sua capacidade de iniciativa.

Como afirma o nosso leitor a questão acima tem ca-

ter de princípio e encerra ao mesmo tempo, enorme interesse prático. Trata-se da luta para eliminar velhas concepções ultracentralistas e burocráticas em que se baseavam os métodos mandonistas durante tanto tempo praticados no Partido. Trata-se da luta para eliminar as violações do princípio do centralismo democrático, restabelecendo a democracia interna, com a aplicação de métodos de trabalho e normas de vida interna em que se combinem o centralismo, a direção coletiva, a prática permanente da luta de opiniões e a iniciativa democrática das bases e dos militantes.

Invasão de Casa de Lavradores Por Grileiro e Capangas

SAO LUIZ (Do correspondente) — No interior do Maranhão são cada vez mais frequentes as ações dos grileiros contra lavradores. Temos a registrar agora na localidade Marfim-Codó, uma verdadeira ação de roubo praticada pelo grileiro Joaquim Filogenio Salazar (Filó), contra o lavrador Lucas Evangelista de Araújo.

Em setembro último o referido grileiro acompanhado do subdelegado e um inspetor de quarteirão da polícia local, e mais alguns capangas, invadiram a casa do camponês, apoderando-se de 12 alqueires de arroz, uma espingarda e uma porca. Isto porque outra coisa não encontraram para roubar, Nem mesmo a espingarda e a porca eram de propriedade de Lucas Evangelista.

Esses e outros crimes são cometidos com o objetivo de

jogar fora da terra os camponeses. O grileiro Filó, além de roubar os bens dos camponeses, ainda os está ameaçando com prisões, espancamentos e assassinatos.

O pior é que o grileiro comete suas arbitrariedades acobertado pelas autoridades, chegando mesmo a dizer que age com autorização do chefe de polícia.

Entre as pessoas ameaçadas pelo grileiro, encontra-se o camponês José Vieira de Lima, presidente da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Capinzal.

Os lavradores vêm erguendo o seu protesto junto às autoridades do Estado e exigindo garantias para permanecerem em suas terras. Ao mesmo tempo se organizam, se unem em torno da ULTAC, para impedir a espoliação praticada pelo grileiro e seu capangas.

Teoria e Prática

O SECTARISMO NO TRABALHO DE MASSA

G. Dimitrov

O sectarismo exprime-se, particularmente, pela superestimação da maturidade revolucionária das massas, pela superestimação do ritmo em que elas abandonam as posições reformistas, pelas tentativas de saltar as etapas difíceis e de omitir as tarefas complicadas do movimento. Os métodos de direção das massas eram frequentemente substituídos, na prática, pelos métodos de direção de um grupo estreito de Partido. Subestimava-se a força da ligação tradicional das massas com suas organizações e suas direções; e quando as massas não rompiam bruscamente tais ligações, adotava-se em relação a elas uma atitude tão intransigente como em relação a seus dirigentes reacionários. Padronizava-se a tática e as palavras-de-ordem para todos os países; não se levavam em conta as particularidades da situação concreta em cada país, tomado isoladamente. Desconhecia-se a necessidade de conduzir uma luta de opiniões, no seio da própria massa, a fim de conquistar a sua confiança; desdenhava-se a luta pelas reivindicações parciais dos operários, bem como o trabalho nos sindicatos reformistas e nas organizações fascistas de massa. Substituíam-se frequentemente a política de frente única por apelos sem futuro e por uma propaganda abstrata.

A maneira sectária de colocar as questões não dificultava menos a escolha criteriosa dos homens, a educação e a formação de quadros ligados às massas e que gozassem de sua confiança, de quadros firmes do ponto de vista revolucionário e provados nas batalhas de classe, que sabem combinar a experiência prática do trabalho de massa com a firmeza de princípio de um bochevique.

Assim, o sectarismo atrasava em medida considerável o crescimento dos Partidos comunistas, entravava a realização de uma verdadeira política de massa, impediu a utilização das dificuldades do inimigo de classe para reforçar as posições do movimento revolucionário, embaraçava os esforços para fazer passar as grandes massas proletárias para o lado dos Partidos Comunistas. (Informe ao VII Congresso da Internacional Comunista, 1935).



MÊS DE NOVEMBRO INTERNACIONAL

- 1 — 1917 — O Soviete de Moscou decide a tomada do poder.
- 1956 — A Inglaterra e a França, seguindo-se a Israel, atacam traiçoeiramente o Egito.
- 4 — 1956 — Forma-se, em Budapeste, sob a chefia de Janos Kadar, o governo revolucionário operário-camponês que, ajudado pelo Exército Soviético, esmagou a contra-revolução e substituiu o governo capitulacionista de Imre Nagy.
- 9 — 1923 — Instala-se em Petrogrado o IV Congresso da Internacional Comunista.
- 1954 — O governo soviético envia enérgica advertência aos governos da Inglaterra, França e Israel, a propósito da agressão ao Egito.
- 1 — 1917 — Vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro. Sob a direção de Lênin, os bocheviques tomam o poder na Rússia, apoderam-se das massas operárias e camponesas.
- 1959 — Os governos da Inglaterra e da França anunciam que cessarão as operações bélicas contra o Egito, obedecendo à ordem de trégua dada pelo ONU.
- 9 — 1925 — Funda-se em Londres a Federação Mundial da Juventude Democrática. Dia Internacional da Juventude.
- 21 — 1925 — Assinatura do armistício, dando fim à Primeira Guerra Mundial.
- 1954 — São informados em Chicago os dirigentes sindicais Parsona, Engel, Spies e Fisher, condenados pela justiça do crime da burguesia.
- 25 — 1921 — Morte de Engel, genial filósofo alemão.
- 25 — 1929 — Os comunistas franceses estudam em França, Espanha, Itália, e na Internacional dos Estudantes.
- 25 — 1925 — Falta o grande poeta francês Paul Eluard, membro do Partido Comunista.
- 25 — 1925 — O Congresso da Internacional Sindical Vermelha, em Moscou.
- 1925 — Abraham Lincoln pronuncia seu celebre discurso de Gettysburg.
- 25 — 1916 — Morte o grande romancista russo Leon Tolstoy.
- 25 — 1927 — Congresso da Liga dos Comunistas em Londres. Marx e Engels são encorajados do redigir o

Manifesto.

- 25 — 1820 — Nasce Friedrich Engels, em Barmen, Alemanha.
- 1818 — Fundação do Komsomol, na União Soviética.
- 29 — 1941 — É assassinada pelos nazistas a heroína soviética Zéia Kosmodemyanskina.
- 30 — 1933 — Libertação de Dimitrov, arrancado aos nazistas pelo movimento de solidariedade internacional.

NACIONAL

- 1922 — Morte do grande romancista carioca Lima Barreto.
- 3 — 1964 — Morte do grande poeta romântico Gonçalves Dias.
- 6 — 1836 — Proclamação da República de Piratini.
- 7 — 1837 — Inicia-se na Bahia o movimento revolucionário conhecido por Sabinada.
- 1948 — Início da Revolução Praieira, em Pernambuco.
- 1921 — Funda-se o Grupo Comunista de Rio de Janeiro.
- 1948 — São assassinados em Nova Lima o vereador comunista William Dias Gomes e o operário Ornélio Pereira, pelos capangas a serviço dos exploradores ingleses das minas de ouro de Morro Velho.
- 21 — 1954 — Encerra-se na clandestinidade (de 7 a 11) o IV Congresso do P. C. B.
- 6 — 1798 — São enforcados na Bahia, Manoel Lima, Lucas Dantas, Luiz das Virgens e João de Deus, líderes da «Conspiração dos Alfaiates», contra o jugo colonizador português.
- 26 — 1937 — Golpe de Estado parafascista. Implantação do Estado Novo.
- 1945 — A justiça eleitoral concede registro definitivo ao Partido Comunista do Brasil.
- 21 — 1955 — Após um movimento militar apelado ao povo, o Congresso constitui o golpista Carlos Luz da Presidência da República, a fim de garantir a posse dos eleições.
- 25 — 1919 — A União dos Metalúrgicos lança um Manifesto contra a deportação de líderes grevistas, pelo governo Epitácio Pessoa. Fundação do jornal operário «Voz do Povo».
- 4 — 1929 — Proclamação da República.
- 1925 — Greve geral de tendências revolucionárias no Rio.
- 25 — 1929 — Na Espingarda de Custódia, no Rio, é assassinado, durante um comício, o militante comunista Zélio Magalhães.
- 25 — 1925 — Grande movimento grevista no D.F. O povo ataca a introdução da Guerra e ocupa o 19º Distrito Policial, levando o governo Delfim Moreira a decretar estado de sítio.
- 25 — 1949 — Revolta dos marinheiros da esquadra nacional, no porto do Rio, contra o uso de castigos corporais.
- 25 — 1925 — Insurreição nacional-libertadora em Recife e Natal. Durante 3 dias, os aliancistas dominam a cidade de Natal.
- 25 — 1925 — Insurreição nacional-libertadora no Rio, sob a direção de Luiz Carlos Prestes, com o levantamento de P. R. I. e da Escola de Aviação.

Portugal em Vésperas de Eleições

A 4 DE JUNHO de corrente ano, no momento em que uma crise interna no seio do partido único dava origem à substituição do antigo grupo dirigente, desencorajado pela divisão e pela indiferença, por uma nova comissão executiva, Salazar pronunciou um discurso, onde tentou reafirmar as excelências do regime, para se ater à condenação da democracia, cuja falência novamente anunciou. Reafirmando os seus velhos pontos de vista, combateu toda a ideia de retorno ao sistema de partidos em Portugal.

Uma tal linguagem, da sua parte, significa que a luta eleitoral de novembro será dura e difícil para as forças democráticas e anti-salazaristas. O governo português tudo fará para manter intacto o velho edifício fascista, copiado do modelo hitleriano e mussoliniano.

A imprensa oficial faz sobre o fato um silêncio significativo. Os dirigentes salazaristas prepararam-se para a batalha. Pela primeira vez os democratas e anti-salazaristas vão apresentar candidatos a deputados à escala nacional. Mas eles têm de fazer face a inúmeras dificuldades.

Uma lei eleitoral fascista priva do direito de voto todos os portugueses que não saibam ler e não paguem ao estado um imposto superior a 200 escudos, assim como as mulheres que não são chefes de família ou não possuam um curso secundário ou superior. Esta lei recusa aos candidatos a deputados o direito de participar nas operações de voto, incluindo a contagem das listas entradas nas urnas. Ela concede aos governadores civis de cada círculo eleitoral o poder de decidir sobre a aprovação dos candidatos a deputados. Estes para serem admitidos, devem comprometer-se a aceitar a constituição fascista de 1933. Não há liberdade de imprensa, de reunião e de palavra, mesmo durante o período eleitoral.

Além disso, dado o caráter monopolista do governo, os partidos democráticos não têm existência legal. Vivem e trabalham na clandestinidade.

Apesar de todos os obstáculos criados desde já por Salazar e outros que se levantarão no decorrer da campanha, as forças da oposição têm a noção do que representa a próxima batalha eleitoral na conquista da democracia e na busca de uma solução pacífica para o problema político português. As próximas eleições permitirão uma eficiente campanha legal de desmascaramento da política interna e externa de Salazar, a exposição dos objetivos políticos das forças democráticas e anti-salazaristas sobre os múltiplos problemas do país.

O REGIME DEBILITA-SE

Batido pelas suas próprias contradições, o salazarismo debilita-se, perde terreno, vê levantar-se contra ele camadas sociais que foram durante muito tempo um sustentáculo da política governamental ou mantiveram uma atitude neutralista.

Entre as forças dirigentes falta o entusiasmo e a confiança no futuro. «A época de transformação que sacode todos os países — disse Salazar no IV Congresso da União Nacional — está cheia de problemas e de riscos não somente para nós mas para todo o mundo. Uma tal situação provoca apreensões e obriga a cuidados, a uma vigilância e esforços especiais, mas ela não deve infalivelmente conduzir-nos ao pessimismo.»

A desagregação das fileiras salazaristas não é de hoje. Ela mergulha nas suas raízes nos interesses opostos que sacodem o regime e isolam cada vez mais as suas forças dirigentes. Já em 1950, homens responsáveis que serviram o «Estado Novo» em cargos destacados abandonaram este e escolheram o caminho da ação. O almirante Quintão Meireles, ex-ministro dos negócios estrangeiros de Salazar, apresentou-se como candidato às eleições para presidente da República apoiado por setores democráticos e outras personalidades que tinham abandonado recentemente o campo salazarista, como o capitão Henrique Galvão, ex-deputado de Angola, o major Mário Pessoa, ex-subsecretário da guerra e outros portugueses.

Os monárquicos, que sempre deram um apoio ativo a Salazar desde o princípio, encontram-se divididos e uma parte aproxima-se das forças democráticas e anti-salazaristas sob a base das eleições para deputados.

O desejo de uma mudança na política portuguesa, de uma solução pacífica do problema português encontra também ambiente nas fileiras da União Nacional e forçou já Salazar a pronunciar-se sobre este assunto, em 4 de Junho último, recusando-lhe qualquer possibilidade de êxito.

Mas a posição oficial de Salazar longe de criar confiança nos seus partidários, de consolidar a unidade interna, torna esta ainda mais precária.

A FASE PRESENTE DA AÇÃO

A situação atual de Portugal é favorável à atividade das forças democráticas e à sua participação nas eleições.

Tendo em conta esta situação, o Partido Comunista Português lançou-se na ação para ajudar a alargar a unidade, para discutir e esclarecer os que duvidam da possibilidade de qualquer sucesso nas eleições, em face de um inimigo que faz uso dos piores processos para se manter no poder.

Os erros sectários cometidos pelo nosso partido num passado recente, e falta de perspectivas da parte de individualidades democráticas, o eco da campanha anticomunista entre pessoas vulneráveis a esta ação, assim como a resistência à organização de um pacto de unidade dos partidos de agrupamentos democráticos, como base da frente nacional anti-salazarista, tornaram esta tarefa extremamente difícil.

Os dirigentes salazaristas e as forças do imperialismo têm feito tudo para dividir os democratas e anti-salazaristas, para isolar os comunistas. Não faltaram as promessas sedutoras para alcançar os seus desígnios.

Mas a ação persistente e justa do Partido Comunista Português e de outras forças democráticas, o profundo desejo de unidade existente no povo, a situação concreta e dolorosa do país, a batalha política e ideológica conduzida sobretudo pelos comunistas para que se chegasse a uma fase superior de ação de unidade deu já resultados positivos.

Sob a iniciativa de um numeroso grupo de democratas de várias tendências políticas — advogados, médicos, operários da indústria e da terra, escritores, jovens, comerciantes,

MARCO

Membro do Comitê Central do Partido Comunista Português)

industriais — teve lugar em Lisboa uma reunião para discutir sobre as medidas a tomar em face das eleições e da unidade que esta implica.

Os 400 delegados vindos dos vários pontos do país concordaram em participar no ato eleitoral de 3 de novembro e de apresentar candidatos em todos os círculos onde seja possível. Eles condenaram toda a discriminação política e preconizaram a elaboração de listas de candidatos dentro do largo espírito de unidade decorrente da situação política atual.

A reunião democrática de Lisboa marcou uma nova etapa no reforço e alargamento da unidade. Ela deu começo a uma larga ação democrática e anti-salazarista, à escala nacional.

Esta reunião fez fracassar as manobras de divisão de Salazar e dos imperialistas estrangeiros que o apolam. Ela pôs à prova, uma vez mais, o espírito de iniciativa e a capacidade de ação da classe operária, na conjuntura atual. Os delegados operários a esta reunião fizeram ouvir a voz dos trabalhadores que desejam que as forças da oposição participem nas eleições. Em apoio dos seus pontos de vista apresentaram várias moções subscritas por milhares de trabalhadores industriais e agrícolas.

NA DIFICULDADES A VENCER

Os dirigentes salazaristas temem a ação das forças democráticas e anti-salazaristas. Eles têm medo que as classes e camadas sociais descontentes postas em movimento possam causar profundos golpes ao regime fascista e forçá-lo a inesperadas concessões.

Por este motivo, Salazar procurará tomar todas as medidas que evitem uma verdadeira campanha eleitoral. Ele conta com os seus agentes policiais, com os quadros responsáveis do exército e com a ação da censura à imprensa, que não cessará o seu nefasto papel, mesmo durante este período. Salazar conta com as burlas eleitorais de que se servem os seus colaboradores para forjar as suas «estrondosas vitórias». Ele não terá pejo em rasgar todos os compromissos tomados perante a ONU, cuja Carta aceitou e na qual estão inscritas as liberdades fundamentais.

Salazar procurará de novo, com o apoio das potências imperialistas, manobrar para afastar da unidade os setores mais moderados ou neutralizá-los pelo menos.

O nosso partido e outras forças democráticas dão-se bem conta das dificuldades, das vacilações que podem surgir no decurso desta ação da parte de certas camadas e forças políticas que têm medo das massas e não concluíram ainda pela experiência dos fatos que o inimigo se encontra à direita e é Salazar e a sua camarilha.

O Partido Comunista Português e os democratas mais consequentes esforçam-se por liquidar toda a tentativa de divisão do inimigo e vencer pacientemente as hesitações, as dúvidas e mesmo as posições errôneas de certos democratas e anti-salazaristas. Eles sabem que a unidade de todas as forças anti-salazaristas é a garantia necessária a todos os sucessos sobre o governo, a conquista da democracia e da liberdade em Portugal.

Os êxitos da batalha eleitoral, estão ainda largamente dependentes da estreita ligação entre a luta política e a defesa dos problemas que interessam as classes e camadas sociais



Na no Camelo, o mais destacado dirigente comunista português, continua no cárcere salazarista

descontentes e do papel que desempenhará a classe operária e seu partido de vanguarda.

A classe operária tornou-se nestes 31 anos de existência do fascismo a força fundamental contra Salazar, e centro da unidade democrática e anti-salazarista. O Partido Comunista Português, como combatente infatigável dos interesses dos trabalhadores e das liberdades democráticas, encontrou-se e encontra-se na vanguarda da luta pelo progresso social, pelo reforçamento da unidade, pela instauração da democracia.

Os sucessos das forças democráticas estão profundamente ligados à fidelidade do Partido Comunista Português aos interesses nacionais, às ideias de liberdade ao serviço do povo, à sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

A próxima campanha eleitoral vai colocar novamente um problema fundamental — o da conquista das liberdades democráticas necessárias à ação das forças anti-salazaristas e à realização de eleições livres. Segundo os pontos de vista do Partido Comunista Português, a luta pela conquista das liberdades fundamentais deve constituir um dos problemas essenciais da campanha eleitoral.

Os sucessos desta batalha política não podem ser verificados sobre o total de deputados anti-salazaristas eleitos e sobre o número de votos registrados embora tal problema não deva ser subestimado na sua essência.

Os resultados positivos revelar-se-ão sobretudo no reforçamento e alargamento da unidade, no valor da campanha que se desenvolverá à escala nacional contra Salazar, nos novos golpes que ele terá de suportar. As conquistas legais no sentido da liberalização do regime, o reforço da ligação das forças democráticas e anti-salazaristas com as classes e setores que representam, a experiência, o desenvolvimento político e a disposição de luta de largas massas laboriosas, ligados ao seu espírito de organização são sucessos desta batalha, que assegurarão novas conquistas e a vitória decisiva sobre Salazar e a sua camarilha, num futuro próximo.

Lisboa, 2 de Outubro de 1957.

POETA DA FRANÇA

(POR MOTIVO DO 60.º ANIVERSÁRIO DE LOUIS ARAGON)

ILYA EREMBURG

GRANDES poetas e grandes ideias necessariamente se encontram: Aragon se tornou comunista porque nasceu verdadeiro poeta. Conheceu os lilazes e as rosas da França, conheceu a côr do Sena e do Loire, conheceu o amargor e o orgulho dos operários dos arredores de Paris. Há muito, quando a França ainda se distraía com a breve e ilusória trégua entre duas guerras terríveis, Aragon escolheu o caminho: este foi o caminho da luta e por mais que surgissem depois, neste duro caminho, os obstáculos e as perseguições, ele continuou a percorrê-lo. A sua voz se tornou a voz daquela França, que conhecemos e amamos — a França dos franceses. Nos anos da Resistência, quando os corações foram provados pelo ferro, todos puderam convencer-se da importância de Aragon: os seus versos, em que nada simplificou nem desprezou, chegaram ao coração do povo e com estes versos os FRANC-TIREURS iam ao encontro da morte.

O historiador, ao qual interessassem não somente os acontecimentos, mas também os homens de nosso tempestuoso século, muito encontrará nos espiritualmente pormenorizados e sempre significativos romances de Aragon — do «Camponês de Paris» dos primeiros tempos a «Os Comunistas». Aragon também escreveu panfletos e inspirados trabalhos dedicados aos pintores da França — Stendhal, Watteau, Courbet, de livros sobre a literatura soviética. Mas, antes de tudo, Ara-

gon é poeta. Na sua poesia complexa e multifacética há sempre um tema grande e extraordinariamente importante — a fidelidade essa suprema e difícil virtude de nosso século. No último livro de Aragon, «Romance Inacabado», este tema encontra solução com tanta força poética e profundidade, que podemos contar o seu poema entre aquelas obras, que não somente revelam, como artisticamente justificam o nosso tempo. Existe no «Romance Inaca-

bado» tragicidade e afirmação de vida, é a poesia da fidelidade — do cidadão, do homem, do artista.



Louis Aragon

Aragon é um inovador, muito fez para a renovação do verso francês e, simultaneamente, é um apaixonado de todas as formas tradicionais da poesia francesa. No livro do velho comunista francês Gaston Moussier (Aragon escreveu para ele um prefácio) linhas

maravilhosas. Um camponês medita sobre o castelo de Azé, construíram-no os ricos para o seu divertimento, deveria odiá-lo mas, não, ama-o: «Nêle existe algo, que é meu». O povo francês sabe combinar o espírito revolucionário com o amor às tradições, o passado com o futuro. Aragon também nisto é francês: derrocou os cânones acadêmicos e devolveu o frescor ao soneto, que já parecia de museu.

Aragon muito fez para transmitir o seu amor pelo povo soviético ao povo da França. O seu amor por nós está marcado por aquela fidelidade, que inspirou o autor do «Romance Inacabado». Estêve conosco nos dias de festa e de trabalho, nas horas de triunfo e de prova. Os leitores soviéticos o conhecem e amam, talvez não o conheçam bastante, mas, é bem verdade o amam fortemente. Nas conferências de leitores em Moscou, Aragon pôde convencer-se da força e da sinceridade dos sentimentos dos leitores soviéticos.

Ele já muito encareceu mas as câs ainda mais fortemente destacam a juventude dos seus olhos, os movimentos inquietos, o coração ardente. A ele desejamos todos livros, alegria da alma, felicidade criadora!

I Congresso Sindical do Espírito Santo

Durante dois dias — 26 e 27 de outubro corrente — deverão reunir-se os trabalhadores do Estado do Espírito Santo, a fim de debaterem em comum os seus problemas e a melhor maneira de conquistá-los por meio de reivindicações.

Deverão participar delegados dos sindicatos, associações profissionais e delegações de empresas de grande número de operários, que não estejam organizados em corporações sindicais. Os delegados de empresas poderão ser credenciados por abaixo-assinados de seus companheiros de trabalho.

INTENSA A PROPAGANDA DE PREPARAÇÃO DAS REUNIÕES

Entre seus delegados, entre outros, os Sindicatos dos Estivadores, ferroviários, armadores e trabalhadores da construção civil.

Nos mais importantes municípios do interior, como Colatina, Cachoeiro do Itapemirim e outros, realizaram-se assembleias das principais categorias profissionais, a fim de eleger os delegados e preparar as teses. Em Itacibá, reuniram-se os ferroviários da Vale do Rio Doce em grande assembleia, da qual participaram centenas de trabalhadores.

Ao mesmo tempo em que realizam suas assembleias, intensificam os trabalhadores capixabas a propaganda do Congresso. Centenas de falxas e cartazes cobrem os muros das cidades; volantes e

EM VITÓRIA, NOS DIAS 26 E 27 DE OUTUBRO — IMPORTANTES QUESTÕES CONSTATAM DO TEMÁRIO

folhetos são distribuídos nas fábricas e empresas e comandos se sucedem, para distribuição do Manifesto de Convocação do I Congresso.

A reunião dos trabalhadores do Espírito Santo deverá contribuir para o reforçamento de sua unidade e será um importante passo na conquista de novas reivindicações.

TEMÁRIO

1 Reivindicações específicas de cada categoria profissional:

- condições de salário, anotação da carteira profissional, pagamento de férias, repouso semanal remunerado, insalubridade, segurança do trabalho;
- reclamações da classe quanto às suas necessidades;
- providências que devem ser tomadas pelo Sindicato para melhoria da classe;
- fiscalização do Ministério do Trabalho, para cumprimento das leis.

2 Reivindicações gerais:

- problemas de ordem geral que dificultam a vida da classe;
- opinião sobre SAPS e COAP e assistência dos Institutos;
- médidas contra o encerramento do custo de vida;
- salário-mínimo e salário móvel;

3 Legislação trabalhista:

- eleição nos sindicatos e seu processamento;
- reforma de dispositivos da Consolidação das Leis Trabalhistas;
- Decreto anti-greve 9.070;
- Processo de eleição para vogal da Junta de Conciliação e para as Comissões de Salário.

4 Previdência social:

- Aposentadoria e pensões;
- Auxílio-maternidade e funeral;
- Assistência médica;
- Uniformização do processo de contribuições e carteira única de identificação do segurado para todos os Institutos;
- Carteira imobiliária, aplicação de fundos;
- Descentralização administrativa dos Institutos;
- Débito da União.

O EMBAIXADOR chinês Liu Siao deu uma recepção, em Moscou, a 1.º de outubro último, por ocasião do oitavo aniversário da proclamação da República Popular da China. O clichê mostra o camarada Mikoyan, 1.º vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS, quando discursava na solenidade de recepção.

Reunidos em II Conferência Nacional Exigem os Servidores Públicos Classificação de Cargos

Instalou-se no dia 25, nesta capital, a II Conferência Nacional de Servidores Públicos, sob o patrocínio da Coligação das Associações de Servidores pró-Classificação de Cargos e Funções. Dessa importante reunião deverão participar nada menos de 80 delegações, de diferentes associações estaduais, de todo o país.

Dois pontos constam do temário da II Conferência:
I — Substitutivo ao Projeto nº 1853/56, da Câmara Federal;
II — Organização do funcionalismo, em plano nacional.

A CLASSIFICAÇÃO DE CARGOS E FUNÇÕES

Os servidores públicos constituem uma das mais numerosas corporações de trabalhadores, atingindo a algumas centenas de milhares. Grande percentagem desses trabalhadores ganha salários muito baixos, possuindo inúmeras reivindicações

que o governo insiste em não atender.

Atualmente, empenham-se 100 associações e 4 federações numa intensa campanha pela conquista da classificação dos servidores, à base de um substitutivo por elas apresentado ao plano elaborado pelo DASP e que não atende aos interesses dos trabalhadores. Esse substitutivo

deverá ser apreciado e emendado na próxima Conferência.

Apresentaram ainda os servidores uma tabela de vencimentos, para o funcionalismo civil, que estabelece adicionais de 5% por trênis. Hoje, mais de 70% do funcionalismo federal ganha salários que variam entre 3.800 e 7.000 cruzeiros.

A questão da classificação é de importância vital para o funcionalismo, pois a maioria esmagadora dos servidores não possui enquadramento. O quadro permanente assegura a UNSP (União Nacional de Servidores Públicos) não agrupa sequer a terça parte dos funcionários. (CONCLUI NA 11ª PÁG.)

AMIZADE SINO-SOVIÉTICA



IV Congresso Sindical Mundial



Nos primeiros dias de outubro, reuniu-se em Leipzig, Alemanha, o IV Congresso Sindical Mundial, convocado pela F.S.M. Numerosa delegação brasileira ali compareceu. Vemos no clichê, em cima, os delegados Firmino Fernandes (Brasil), Mag'ereb Hassan Muktar (Sudão), Elfriede Umbreit (da Cooperativa de Berlim — Treptow) e Maria Aparecida de Oliveira (Brasil). Na parte inferior do clichê, aparece a delegação do Chile, durante uma sessão plenária.

Preparam os Metalúrgicos o I Congresso Nacional

DE 14 A 17 DE NOVEMBRO, EM PORTO ALEGRE, O I CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DO BRASIL

No próximo mês de novembro, de 14 a 17, deverá reunir-se em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o I CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DO BRASIL. Estarão cumprindo assim os metalúrgicos brasileiros uma resolução da memorável I Conferência, realizada na cidade de Volta Redonda, de 27 de abril a 1 de maio de 1956.

Vêm sendo intensos os preparativos, através de todo o país, para que esse primeiro encontro nacional da importante categoria profissional, que engloba centenas de milhares de trabalhadores, seja coroado de pleno êxito.

Em seu Manifesto, dirigido aos trabalhadores das indústrias metalúrgicas, mecânicas e de material elétrico, a Comissão Organizadora chama a atenção para a significação do I Congresso Nacional, nas atuais condições de desenvolvimento de nosso país e em face das difíceis condições que enfrentam as massas operárias, em consequência da política econômico-financeira adotada pelo governo do Sr. Kubitschek e do aumento da exploração patronal.

TEMÁRIO DO I CONGRESSO NACIONAL

Inclui o temário as questões que interessam mais vivamente à grande categoria profissional:

1º — LIBERDADE E AUTONOMIA SINDICAL:

- Revogação do Decreto-lei nº 9.070;
- Regulamentação ampla do direito de greve;

2º — MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO:

3º — AUMENTO DE SALÁRIO; SALÁRIO-MÍNIMO; SALÁRIO-MÍNIMO PROFISSIONAL; ESCALA MÓVEL DE SALÁRIO E SALÁRIO-FAMÍLIA:

- Aumento de salário; salário-mínimo; salário-mínimo profissional; escala móvel de salário e salário-família;
- Condições de trabalho nas empresas e, especialmente, da mulher e do menor;
- Encarecimento do custo de vida e meio de defesa;

d) — Comissão Interna de prevenção e acidentes (CI PA);

3º — APLICAÇÃO E AMPLIAÇÃO DA PREVIDÊNCIA E SEGUROS SOCIAIS

- Administração das Instituições de Previdência;
- Benefícios e Assistência Médica;

c) — Aposentadoria com salário integral;

d) — Seguro-desemprego.

4º — DEFESA DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS E DA SOBERANIA NACIONAL:

5º — LEGISLAÇÃO SINDICAL E JUSTIÇA DO TRABALHO

6º — DEFESA E AMPLIAÇÃO DA INDÚSTRIA NACIONAL E DO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

7º — ORGANIZAÇÃO REGIONAL, NACIONAL E INTERNACIONAL DOS METALÚRGICOS

8º — CONVENIOS E RECOMENDAÇÕES DA O.I.T.

PREPARAÇÃO E ELEIÇÃO DOS DELEGADOS

Como trabalhos preparatórios do I Congresso, destacam-se por sua importância as Conferências Regionais já realizadas pelos metalúrgicos, de Porto Alegre, em junho último e pelas de Minas Gerais, de 4 a 7 de setembro passada.

O Congresso deverá exprimir os anseios e os interesses de toda a grande categoria profissional e isso se conseguirá a partir da própria escolha dos delegados. Estes serão eleitos pelas assembleias de seus respectivos sindicatos ou associações profissionais, na proporção de 1 delegado por 5.000 trabalhadores, em cada localidade.

Também as federações regionais deverão enviar delegados na proporção de um para cada 5 sindicatos filiares ou fração.

Ao mesmo tempo que ultimam os detalhes da fase preparatória do Congresso, desenvolvem os metalúrgicos intensa propaganda nos locais de trabalho e reforçam suas lutas pela conquista de melhores salários e de suas reivindicações profissionais.

Agora, empenham-se os metalúrgicos de São Paulo ao lado de seus companheiros têxteis, vidreiros, gráficos e outros, numa greve de enorme amplitude, para obter aumento de salários. Também nos outros Estados do Brasil erguem-se os trabalhadores metalúrgicos contra a miséria e a exploração, reforçam sua unidade e suas organizações sindicais.

A Vitória da Revolução de Outubro, Derrota do Revisionismo e do Dogmatismo

(CONCLUSÃO DA PÁG. 4)

da Revolução de Outubro e da construção do socialismo na URSS.

Após a morte de Engels, o oportunismo e o revisionismo da II Internacional manifestaram-se abertamente. A II Internacional entrou em completa bancarrota aos olhos do proletariado internacional quando a luta de classe se aguçou e se colocou na ordem do dia a necessidade da tomada do poder pelo proletariado. Devido às suas posições oportunistas, os Partidos da II Internacional, com exceção do Partido dos Bolcheviques, mostraram-se incapazes de dirigir revolucionariamente a luta do proletariado.

Os partidos da II Internacional erigiram em dogma suas teses oportunistas e a elas se afeerraram. Procuravam, assim, desviar o proletariado da luta revolucionária pelo poder e serviam, objetivamente, às classes dominantes então. De acordo com suas "teorias" oportunistas e para "aplicá-las" não se tornava necessário a existência de um partido revolucionário e independente, de classe, do proletariado. Construíam um partido da reforma social e não o partido da revolução. Suas teorias foram por água a baixo quando postas à prova de fogo da guerra imperialista de 1914-18. Abandonaram a bandeira da "guerra à guerra" e passaram a servir às "suas" burguesias em cada país. Só o Partido dos comunistas russos, dirigido por Lênin, rompeu decididamente com os dogmas oportunistas, levando o povo e o proletariado russos a fazerem, efetivamente, a "guerra à guerra". Os operários e camponeses russos transformaram a guerra imperialista em guerra civil, tomaram o poder à "sua" burguesia e, de posse dos meios fundamentais de produção, construíram o socialismo e passaram gradualmente ao comunismo. A vitória da Revolução de Outubro só foi possível porque Lênin e os bolcheviques combateram o revisionismo e o dogmatismo e tomaram as teses fundamentais do marxismo, aplicando-as, de forma criadora, à situação histórico-concreta em que viviam.

O capitalismo havia entrado em sua etapa imperialista, sua última etapa, e se empenhava em uma guerra por uma nova divisão do mundo. Surgiram as possibilidades, devido ao agravamento até então sem paralelo de todas as contradições do capitalismo, para o proletariado conquistar o poder político, mas os partidos da II Internacional mostraram-se incapazes de levar o proletariado à luta revolucionária. Lênin e os bolcheviques demonstraram na prática, com a conquista do poder, a falência da II Internacional, do oportunismo revisionista e do dogmatismo livresco.

Ao dogma oportunista da II Internacional de que para o proletariado conquistar o poder devia constituir-se em maioria da nação e preparar antes os quadros que deveria dirigir o Estado, Lênin e os comunistas russos opuseram a teoria e a prática da aliança operário-camponesa sob a liderança do proletariado. De posse do poder, preparariam mais facilmente os quadros necessários para dirigir o Estado e a economia. Ao dogma da luta parlamentar como forma fundamental de luta, sustentaram e levaram à prática a luta revolucionária pelo poder, a combinação da luta parlamentar (participação na Duma) como forma acessória de luta, com a luta extra-parlamentar, a greve política e a insurreição armada nas condições da Rússia. Um a um caíram por terra os dogmas da II Internacional superados pela própria vida.

Lênin e os comunistas russos não se limitaram à crítica das "teorias" oportunistas da II Internacional. Examinaram do ponto de vista crítico as teses, então em curso no movimento operário, sobre a revolução socialista. Lênin defendeu o marxismo e o desenvolveu na nova situação histórica. Marx e Engels viveram num período em que o capitalismo estava em ascensão e as suas contradições não estavam agravadas profundamente. Em sua fase imperialista, o capitalismo

conduz a um desenvolvimento desigual econômico e político dos vários países e a um agravamento sem paralelo de todas as suas contradições. Abrem-se, assim, possibilidades para a conquista do poder pelo proletariado em um país isoladamente ou em uns poucos e não em todos ou na maioria dos países avançados, como previram corretamente Marx e Engels na época do capitalismo pré-monopolista. Partindo de tal situação, Lênin chegou à conclusão de que os bolcheviques podiam conquistar o poder em sua Pátria e para isso deviam se preparar. Lênin desenvolveu o marxismo de forma criadora tendo em conta a realidade da Rússia. A tese, então corrente no movimento operário, de que a República parlamentar era a melhor forma de organização estatal para o período de transição do capitalismo ao socialismo, baseado na experiência prática da Rússia, Lênin elaborou e levou à prática a teoria da ditadura do proletariado com a forma soviética.

Lênin elaborou toda uma nova teoria sobre a revolução socialista. O proletariado devia ser a força dirigente da revolução e atrair para o seu lado, fundamentalmente, as massas camponesas pobres e passaria da revolução democrático-burguesa à revolução socialista à medida de suas forças. Não era necessário esperar um longo período que mediará entre a revolução democrático-burguesa e a revolução socialista. Para aplicar sua teoria e conclusões Lênin preparou um instrumento, o Partido de novo tipo, do ponto de vista ideológico, teórico, tático e organizativo. Assim, os proletários russos tinham o seu partido independente de classe preparado para o "assalto ao céu", tentativa fracassada na Comuna de Paris e vitoriosa com a Revolução Socialista de Outubro, comprovando na prática a justiça do marxismo-leninismo como uma guia para a ação e não um catecismo que precisa ser apenas decorado e repetido.

A vitória da Revolução Socialista de Outubro foi devida, fundamentalmente, a que Lênin e os bolcheviques souberam defender com firmeza as teses fundamentais do marxismo contra o revisionismo oportunista e, ao mesmo tempo, combatendo o dogmatismo, aplicá-las às condições concretas da Rússia. O revisionismo e o dogmatismo alimentam-se reciprocamente, têm raízes gnoseológicas idênticas, o subjetivismo, e servem às classes dominantes pois afastam o Partido das massas, retardando a vitória da revolução.

X X X

A Revolução de Outubro teve enorme repercussão em todo o mundo. Também no Brasil o troar dos canhões do cruzador "Aurora" despertou o proletariado. Já haviam amadurecido, no fundamental, as condições para o surgimento do partido independente do proletariado. Desenvolvia-se no país um surto industrial em decorrência do qual numérica e qualitativamente o proletariado brasileiro que se empenhava em grandes lutas e greves por suas reivindicações. A estas, somou-se a solidariedade à jovem República Soviética. A Revolução de Outubro foi o fator decisivo para a criação do Partido Comunista do Brasil que, em toda a sua existência, sempre se manteve fiel aos seus ensinamentos. Hoje, ao comemorarmos o 40º aniversário da Revolução Socialista de Outubro, os grandes êxitos e ensinamentos do PCUS, assim como os seus erros, nos ajudam na batalha que travamos em nossas fileiras contra o revisionismo e o dogmatismo, a batalha nas duas frentes de fortalecermos nosso Partido e colocá-lo à altura das necessidades prementes do movimento operário brasileiro. Inspirados no exemplo autocrítico do PCUS e de seu Comitê Central, nosso Partido corrigirá seus erros e conquistará novos êxitos na luta que travamos à frente de nosso povo em defesa da paz, da soberania nacional, das liberdades democráticas e pelo progresso do país.

NA ERA DOS VÔOS...

(CONCLUSÃO DA PÁG. 12)
ilha interplanetária poderia servir de base para o treinamento do pessoal destinado a navegar no espaço cósmico.

A estação interplanetária permitirá também obter numerosos dados indispensáveis para chegar à construção mais correta da nave e do planador cósmico.

Alguns consideram que se poderia utilizar a Lua como base ou estação interplanetária. Entretanto, o dito satélite não serve

para estes fins, já que se acha muito longe da Terra. Além disso, por tanto, uma força de atração, relativamente grande, haveria que gastar muito combustível para que a nave cósmica pudesse tomar contato com sua superfície e para se desprender dela quando tivessse que continuar o vôo.

E, não terá a Terra uma outra Lua, uma lua menor, ou inclusive várias luas de pequenas dimensões, ainda não descobertas? Seria relativamente fácil instala-

lar nelas um observatório volante e uma estação interplanetária.

E' evidente que, inclusive se existem semelhantes satélites, serão de dimensões minúsculas, e descobri-los é uma tarefa sumamente difícil. Devido à enorme velocidade do movimento destes satélites próximos da Terra, não podem ser vistos pelo telescópio. Assim é muito pouco provável a instalação de um posto interplanetário em um satélite natural.

Novas Regiões Ocupadas Pelos Possesores Armados

ENQUANTO O GOVERNO FEDERAL NÃO DÁ SOLUÇÃO AO CONFLITO, AMEAÇA ALASTRAR-SE A LUTA POR TODO O OESTE DO PARANÁ — PRECÁRIA SITUAÇÃO POLÍTICA DO GOVERNADOR LUPION — CRESCE A SIMPATIA POPULAR PELA CAUSA DOS POSSEIROS

CONTINUA sem solução o problema das terras do sudoeste do Paraná com tendência para se agravar a luta entre os posseiros de um lado, e jagunços das companhias colonizadoras e a polícia do sr. Moisés Lupion, do outro.

Até agora não se tem nenhum conhecimento de medidas do governo federal, que dêem uma justa solução ao conflito, apesar da evidente ilegalidade da CITLA e suas subsidiárias, da convicção do governo Lupion nas ações contra os posseiros e dos protestos da opinião pública, que exige uma justa solução para o conflito. Esta só pode ser a expulsão das companhias colonizadoras do oeste e sudoeste do Paraná, o processo e julgamento daqueles elementos mais comprometedores com os crimes contra os lavradores e a entrega de títulos de propriedade aos posseiros.

A Luta Tende a Alastrar-se

Enquanto o governo do sr. Jucelino Kubitschek protela, injustificadamente, a solução para o problema, o sr. Lupion vai cometendo novas arbitrariedades e violências contra os trabalhadores agrícolas. Em Cascavél, Cruzeiro do Oeste e Guaraniãçu, municípios onde exercem influência parentes do governador paranaense foram nomeados pelo sógo do sr. Lupion, para o «Departamento de Terras do Estado», perto de vinte «guardas florestais» que nada mais são do que jagunços a serviço das companhias.

Tal situação leva a que se estenda o conflito a outros municípios, já que os posseiros não toleram nenhuma violência contra seus direitos por parte dos agentes dos jagunços.

São Cada Vez Mais Fortes os Posseiros

Não resta dúvidas de que os posseiros prosseguirão em sua luta até a completa vitória contra seus inimigos. Com o passar dos dias, o movimento camponês do sudoeste paranaense vai se tornando mais forte e mais amplo, de vez que ele engloba não somente os lavradores e suas famílias, mais, também, as populações dos municípios onde já constituíram seus governos, bem como, de todos os municípios vizinhos.

Por exemplo, a greve geral das populações que precedeu a tomada dos governos de Santo Antônio, Capinema, Francisco Beltrão foi apoiada, ativamente, pelas populações de União de Vitória, Xaxerê, Xaxim, Coronel Vivida, Chopisinho, Mangueirinha, Palmas, Clevalândia, todos no Estado do Paraná e mais Porto Novo, Dianópolis, Siqueira e Xapocó, em Santa Catarina e Erechim, no Rio Grande do Sul, que fecharam também o seu comércio.

Por outro lado, homens públicos, personalidades residentes na região conflituosa, diante dos crimes praticados pelo governo do Paraná e os jagunços das companhias, vêm emprestando sua solidariedade aos lavradores. Esse é o caso, por exemplo, do Juiz de Direito da Comarca de Verê, dr. José Meger, e do promotor público, dr. Josaphat Lona Cleto, que, além de se

colocarem ao lado da Junta Governativa ali instituída pelos posseiros, ainda assinaram um documento de protesto, dirigido ao governador Lupion. Como consequência desse seu gesto foram aqueles dois homens públicos recolhidos, por ordem do governo, à capital do Estado, não mais voltando à sua Comarca. Além disso, não são poucos os casos de soldados da Polícia Militar que aderiram à luta dos camponeses.

Ameaça de «Impeachment» do sr. Lupion

A esta altura dos acontecimentos, o governo de Lupion se vê em posição difícil. Tendo contra si a opinião pública do Paraná e de todo o país, o governo paranaense tudo vem fazendo para se equilibrar diante dos acontecimentos, tal o estado de desmoralização a que já atingiu.

À custa de manobras esdrúxulas o sr. Lupion vinha aparentando possuir uma maioria na Assembleia Estadual. Mobilizada a oposição, ficou evidente que dos 45 deputados estaduais, 23 fazem oposição ao governo, com referência às ocorrências do sudoeste do Paraná. Por isso já se fala na votação do «repeachment» (impedimento) do sr. Lupion. É claro que tal medida é pleiteada pelos defensores, empenhados em tirar o máximo proveito dos acontecimentos para as suas aventuras golpistas e eleitoreiras.

Mas não resta dúvida de que, mesmo no seio do PSF, é grande a oposição que se faz ao governo do Paraná. O sr. Ademar de Barros já visitou Curitiba a fim de induzir seus correligionários a apoiarem o sr. Lupion, mas ao que tudo indica, sem obter nenhum sucesso. As forças políticas de oposição exi-

gem a recomposição do Secretariado e sobretudo o afastamento do Chefe de Polícia, um dos maiores responsáveis pelo derramamento de sangue no sudoeste do Estado.

Buscando aparentar possuir apoio político, o sr. Lupion encomendou um manifesto de dezenas de prefeitos, há pouco publicado na imprensa curitubana. E, porém, voz corrente nos meios políticos da capital paranaense e até os jornais deram publicidade de que o referido «apelo» dos prefeitos foi feito em troca da liberação da verba do artigo 20 da Constituição Federal — participação dos municípios no excesso da arrecadação de impostos estaduais — que o governo não paga desde o ano passado e cuja soma é de cerca de 500 milhões de cruzeiros.

Com medidas como estas, quer o sr. Lupion inutilmente convencer a opinião pública de que é sólida a sua posição na ingloria luta contra os posseiros.

Defesa de Direitos à Mão Armada

De qualquer maneira, a luta continua. Novos municípios encontram em posseiros, como Vereadores, e a luta pode se prolongar para o oeste do Paraná. As suas investigações oficiais são, em geral, deturpadas e os lavradores mais humildes são perseguidos. Mas não resta dúvida de que, mesmo no seio do PSF, é grande a oposição que se faz ao governo do Paraná. O sr. Ademar de Barros já visitou Curitiba a fim de induzir seus correligionários a apoiarem o sr. Lupion, mas ao que tudo indica, sem obter nenhum sucesso. As forças políticas de oposição exi-

Exigem os Servidores

(CONCLUSÃO DA 10ª PÁG.)

Por essas razões, esperam os servidores públicos já poder comemorar este ano, no Dia do Servidor — 28 de outubro — a aprovação do Plano de Classificação, que virá corrigir uma série de falhas e injustiças.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE SERVIDORES PÚBLICOS

Como segundo ponto do tópicos da II Conferência Nacional, deverá ser submetida à discussão a idéia de ser criada uma Confederação Nacional de Servidores Públicos, com a finalidade de coordenar as atividades das numerosas organizações que já hoje existem e atuam em defesa dos interesses do funcionalismo.

Aspiração antiga de muitos funcionários, parece ser chegada o momento de torná-la realidade. Teremos assim o funcionalismo civil organizado em escala nacional, o que permitirá unificar suas lutas e suas campanhas, dando-lhes, assim, muito mais força.

A II Conferência Nacional de Servidores deverá constituir, sem dúvida, um passo à frente na conquista de importantes reivindicações.

VOZ OPERÁRIA

Dirigido Responsável

Mário Alves

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and. s/ 1712 Tel. 42-7344

ASSINATURAS

Anual	100,00
Semestral	60,00
Trimestral	30,00
Núm. avulsos	2,00
Núm. atrasado	2,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte:	
Preço no R. G. Sul.	
Sta. Catarina, Paraná Distrito Federal, São Paulo, E. Santo e Belo Horizonte	2,00
Goias e interior de Amazonas e Territórios	4,00
Outros Estados	3,00
M. Gerais	2,50

SUCURSAIS:

SAO PAULO — Rua dos Estudantes nº 84 s/ 28, 2º and. — Tel. 37-4983
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, nº 66, s/ 43.
RECIFE — Rua Floriano Peroto nº 85 — 3º and. — FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, nº 1.248 — s/ 326
JOÃO PESSOA — Rua Duque de Caxias, 558 — 1º and. — Salas 3 e 4.

NA ERA DOS VÔOS INTERPLANETÁRIOS

A UTILIZAÇÃO DO SATÉLITE ARTIFICIAL

A. STERNFELD

(Especialista soviético em Astronáutica e um dos colaboradores no lançamento do primeiro satélite artificial)

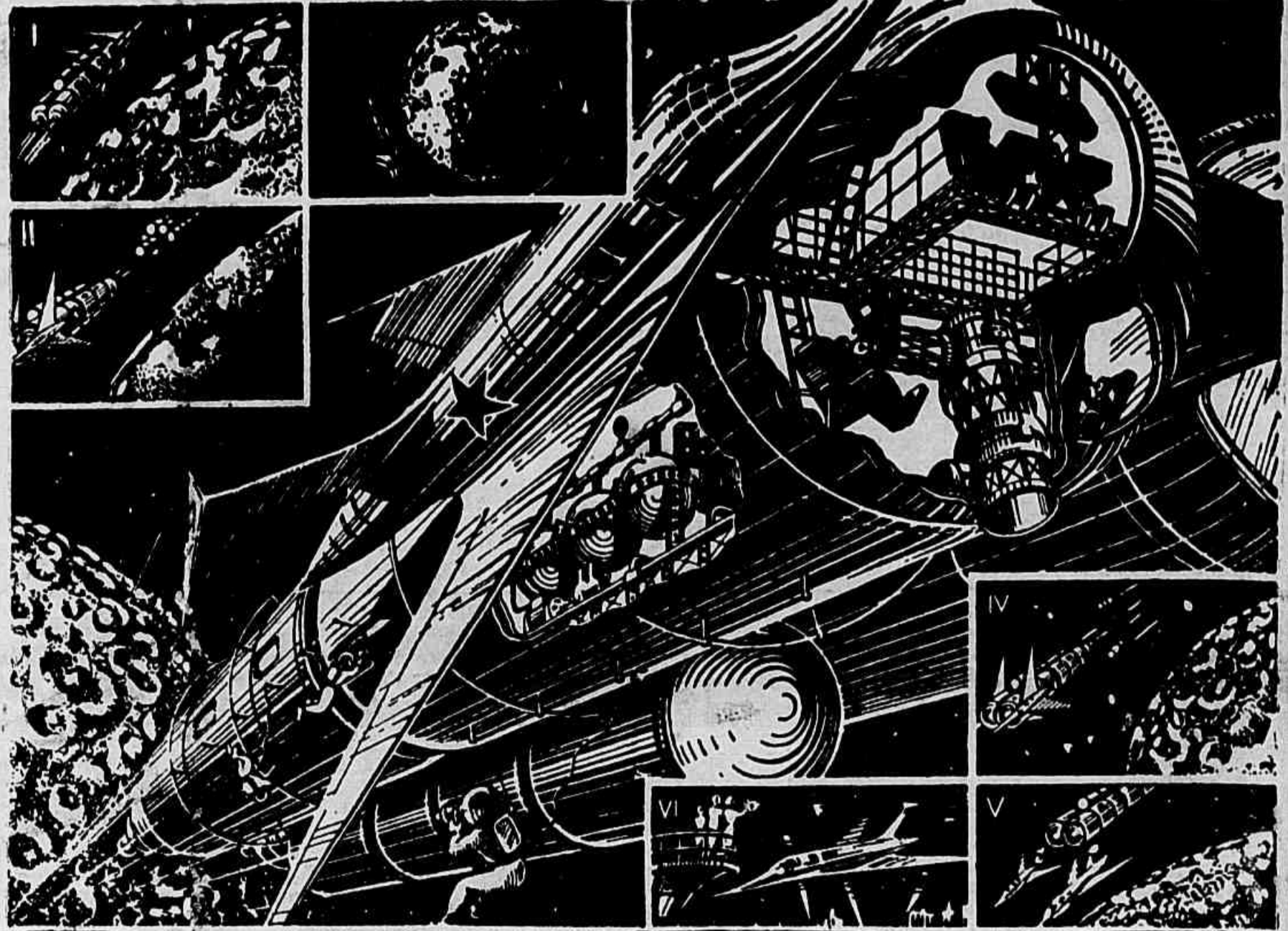
NOTA — O texto que se segue foi extraído do livro «Satélites Artificiais e os vôos interplanetários», editado em Moscou em 1957 e a ser brevemente lançado, em tradução portuguesa, pela Editorial Vitória.

A METEOROLOGIA moderna não dispõe ainda de dados suficientes para determinar com precisão as regularidades dos processos atmosféricos, devido a que são possíveis somente observações muito rápidas das camadas superiores da atmosfera. Para estes fins se poderão utilizar os satélites artificiais da Terra, que permitirão efetuar observações permanentes. Um pequeno satélite artificial, com direção automática, sem tripulação, poderá ser lançado no espaço em breve. O

estudo dos meios de construir tal satélite avançou tanto na URSS, E.E.U.U. e outros países que poderá ser lançado no espaço sideral dentro de dois ou três anos. O primeiro satélite artificial terá provavelmente, no máximo, um diâmetro de meio metro. Os numerosos aparelhos instalados nele registrarão os fenômenos meteorológicos e enviarão pelo rádio os respectivos sinais à Terra.

Logo, se criarão observatórios volantes com instalações e tripulação próprias.

Seria conveniente lançar ao espaço satélites artificiais, destinados a servir de observatórios volantes com trajetórias que passem pelos polos de nosso planeta, para poder ser observado melhor. E como a Terra gira em



torno de seu eixo, seria possível fotografar toda a superfície do planeta no transcurso de 24 horas à luz do dia. Durante esse tempo, o satélite poderá dar até 16 voltas em torno de nosso globo.

No centro, desenho aproximado de uma nave cósmica destinada a voar em volta da lua.
 I — A nave abandona o satélite artificial da terra.
 II — A nave se converte em satélite artificial da lua.
 III — A trajetória da nave em torno da lua.
 IV — A nave abandona sua órbita em torno da lua.
 V — Os planadores se desprendem da nave quando esta se aproxima da terra.
 VI — A aterrissagem dos planadores cósmicos na superfície de nosso planeta.

AS TRÊS VELOCIDADES ASTRONÁUTICAS

A VELOCIDADE necessária, num corpo que gira em torno da Terra, para neutralizar a força de atração da mesma e girar indefinidamente (a uma distância tal que o ar rarefeito não ofereça nenhuma resistência) é a chamada 1ª velocidade astronáutica, ou velocidade circular e é igual a quase 8 quilômetros por segundo.

Para vencer completamente a atração terrestre, e passar ao espaço interplanetário, um corpo deve sair da superfície da Terra à velocidade de mais de 11 quilômetros por segundo. Esta é a chamada velocidade de libertação ou de fuga, 2ª velocidade astronáutica ou velocidade parabólica, porque o corpo descreverá uma trajetória parabólica.

Nos cálculos acima, falta computar a atração do Sol. Para fugir à atração da Terra e do Sol e passar para o espaço cósmico, deve o corpo sair com uma velocidade inicial de quase 17 quilômetros por segundo. É a chamada 3ª velocidade astronáutica.

O primeiro problema a resolver para lançar um satélite artificial da Terra ou para os vôos no espaço cósmico é conseguir atingir essas três velocidades astronáuticas.



Com o satélite pode-se estudar muito bem a distribuição e o caráter das nuvens que envolvem enormes partes do globo terrestre, determinar os limites das massas aéreas frias e quentes, observar como se propagam as tempestades. Nas estações meteorológicas volantes se poderá medir com precisão a temperatura, a pressão, a densidade do ar, etc. das camadas superiores da atmosfera. O estudo da radiação solar permitirá determinar periodicamente a quantidade de energia irradiada que consome nosso planeta, o que contribuirá poderosamente para a exata previsão do tempo e para melhorar as condições para a rádio-comunicação.

A bordo do satélite artificial não se experimentará falta de energia solar. K. Tsiolkovski propôs que se captassem e aproveitassem as torrentes de energia radiante do sol para o cultivo de plantas em estufas especiais, já que os ditos vegetais poderiam empregar-se na alimentação dos habitantes da ilha celeste. Também pode-se instalar no satélite laboratórios de física nuclear, com abundantes raios cósmicos à sua disposição.

São indiscutíveis as pos-

sibilidades de utilizar os satélites artificiais para as transmissões de TV e outras emissões em ondas extracurtas.

Para maior facilidade dos vôos interplanetários, K. Tsiolkovski sugeriu que se instalasse um satélite artificial da Terra que servisse de ponto de escala ou de baldeação, e que se dividissem as viagens cósmicas em várias etapas. Semelhante satélite poderia servir de trampolim para a penetração de espaços cósmicos mais afastados.

Com tais estações intermediárias seria muito mais fácil chegar à Lua, a qualquer planeta ou, inclusive, sair fora de nosso sistema solar. Para chegar à Lua, a Vênus ou a Marte partindo de uma estação intermediária basta desenvolver uma velocidade de 3,1 - 3,6 quilômetros por segundo, porque a estação já se move com uma velocidade de cerca de 8 km. por segundo, enquanto que se empreende o vôo direto partindo da Terra é preciso desenvolver uma velocidade de 11,2 quilômetros por segundo ao abandonar sua superfície.

Segundo assinalam certos projetos, o foguete que

chegar procedente da Terra a uma estação interplanetária poderá empregar-se para prosseguir o vôo. Deste modo, os astronautas terão na estação todas as provisões necessárias para continuar e concluir a viagem cósmica, isto é se proverão de combustível, equipamentos, víveres, etc.

Outros projetos sugerem que os astronautas se mudem, na estação interplanetária, para outra nave, que tenha sido montada, utilizando os elementos previamente trazidos da Terra. Também poder-se-á utilizar na montagem da nave interplanetária os motores e outras peças tiradas dos foguetes que cheguem à estação.

Antes que o homem se lance para dominar os espaços infinitos do Universo deverão ser feitos ensaios correspondentes de tais vôos na estação interplanetária. Nela se poderá comprovar se é prejudicial para o organismo humano a perda do peso por muito tempo, que influência exerce sobre ele o peso artificial, etc. Na ilha celeste se estudarão também os meios de proteção contra o perigo dos meteoritos. A

(CONCLUI NA 11ª PÁG.)